

**REFLEXÕES DE
MONTAIGNE
PARA A VIDA
DIÁRIA
LIVRO III**

Luiz Guilherme Marques

2.011

“Como quer que encaremos este nosso mundo, vemo-lo cheio de imperfeições; nada é inútil na natureza, nem mesmo as inutilidades. Nada existe que não tenha sua aplicação.”

(Michel de Montaigne)

DEDICATÓRIA

- às minhas filhas Jaqueline Mara e Tereza Cristina
- à minha companheira Rosa
- à minha amiga Maria Geny Barbosa
- à minha mãe, Mitzi, e meus irmãos Antonio José, Marco Aurélio, Maria Helena, Maria Célia e Maria de Fátima
- aos confrades da Fundação Espírita Nosso Lar, do Centro Espírita Joanna de Ângelis e do Centro Espírita Boa Nova, todos de Juiz de Fora - MG

ÍNDICE

Introdução

Nota

Conclusão

INTRODUÇÃO

O presente livro representa uma coletânea aleatória de citações extraídas do Livro III dos Ensaios, de Michel de Montaigne [1], que comentamos, procurando esclarecer aos Leitores atuais a ideologia desse grande filósofo e humanista, calcada, sobretudo, nos pensamentos socrático e cristão, mas sempre atual, apesar de ter vivido há mais de quatro séculos atrás.

Os extratos (aos quais acrescentamos um título para identificação) obedecem à sequência da obra segundo a edição de 1961 da Biblioteca dos Séculos, da Editora Globo, na tradução competente de Sérgio Milliet, ao final dos quais mencionamos as respectivas páginas.

Não entendemos conveniente mudar a sequência, considerando que o filósofo deve ter tido suas razões para adotá-la, tal qual os produtores de cds musicais programam a sequência das músicas numa lógica que, quase sempre, torna mais agradável o conjunto aos ouvidos do público.

Montaigne foi filósofo, jurista, amante da Ciência e da Poesia, e dotado de uma religiosidade prática e sensibilidade estética notáveis. Não teria sido casual a sucessão dos temas...

Nosso trabalho se destina a quem procura bons referenciais para u'a melhor qualidade de vida, sendo esse o objetivo que detectamos na obra montaigniana: ajudar as pessoas a viverem bem.

Não pretende este estudo ser um panegírico do grande humanista, mas sim aproveitar suas reflexões para melhorarmos nossa compreensão sobre a grande finalidade do ser humano, que é aperfeiçoar-se e melhorar o mundo.

O próprio Montaigne reconhece que a fonte da Inspiração Superior o visitava frequentemente, rendendo-se a ela como um homem de fé que era e bem intencionado nas coisas que fazia, dizia e escrevia.

Montaigne entendia a Filosofia como a “ciência de viver bem”.

É nessa linha que seguiremos, procurando indicar aos prezados Leitores algumas trilhas que ele abre para os viandantes da vida.

Nossa época, tumultuada e aparentemente avessa à reflexão filosófica, prioriza os deuses Dinheiro, o Poder e os Objetivos Puramente Materiais.

Todavia, muitas pessoas clamam por socorro às suas angústias e decepções, várias se socorrendo das drogas lícitas ou ilícitas, do lazer atordoante e do consumismo, como formas de

suportar o ato de simplesmente continuar vivendo. A essas todas dedicamos esta obra, que pretende ajudá-las.

Também pretendemos corrigir um equívoco propalado por alguns estudiosos, que lhe divulgam o nome do grande filósofo como ligado ao ceticismo árido e descrente das Coisas Divinas, quando, na verdade, pretendeu sempre colocar a Fé Religiosa em lugar de destaque. Por isso, realçamos, logo no início, sua afeição especial ao ‘Pai Nosso’ e o lugar que essa oração teve na sua vida diária.

Já realizamos um trabalho idêntico com relação aos Livros I e II dos Ensaios, que podem ser lidos separadamente, como obras independentes.

Agradecemos a Deus a oportunidade de realizar este trabalho e desejamos que sua leitura seja útil às pessoas que necessitam de Esperança e Incentivo.

O Autor

TUDO TEM UMA RAZÃO DE SER

“Como quer que encaremos este nosso mundo, vemo-lo cheio de imperfeições; nada é inútil na natureza, nem mesmo as inutilidades. Nada existe que não tenha sua aplicação.” (p. 131)

As imperfeições que existem se devem à própria condição humana, uma vez que a Natureza é perfeita no seu funcionamento, onde cada peça tem uma utilidade determinada e imprescindível no conjunto. O equilíbrio ecológico depende de todos os seres, dos mais evoluídos e dos menos evoluídos dentre as espécies. Até dos seres inanimados, que compõem o conjunto e são essenciais para a vida.

As aparentes inutilidades têm também uma finalidade maior, que, nem sempre, conseguimos entender, justamente pela nossa visão limitada do conjunto, pelo relativo e reduzido conhecimento que temos das Leis que regem a Natureza.

Tudo contribui para a harmonia universal.

Jean-Baptiste Lamarck, o famoso naturalista francês, afirmava que vigora na Natureza o sistema da “cooperação” e

enquanto que o da “competição” foi preconizado por Charles Darwin.

Todavia, até a “competição” tem sua utilidade, somente sendo de lamentar-se que seja desenfreada e desumana, a qual, muitas vezes, aparece nos ambientes humanos, quando se esquece a caridade e priorizam-se a força e a astúcia.

Não há razão para a luta de classes, a disputa acirrada entre pessoas por situações de privilégios, o distanciamento dos indivíduos e a desconsideração pelos seres inferiores da Natureza, pois uns necessitam dos outros, perpétua e inexoravelmente.

A HONESTIDADE IRRESTRITA

“Não somente detesto enganar, repugna-me também que os outros se enganem a meu respeito. Não quero, portanto, dar-lhes oportunidade ou razão para que se iludam. Por isso, nas negociações de que fui encarregado junto a certos príncipes, acerca das divisões, de matizes tão diversos, que hoje nos atormentam, tive sempre o cuidado de evitar que se enganassem a meu respeito e me tomassem pelo que não sou. As pessoas da profissão descobrem-se o menos que podem; apresentam-se fingindo-se neutros e com ideias próximas quanto possível das dos seus interlocutores. Eu não escondo minhas opiniões, por duras que sejam, e mostro-me como sou: um intermediário ingênuo e inexperiente, antes dispozo a fracassar do que a enganar. No entanto fui até agora tão feliz nesse papel, dependente sem dúvida e em grande parte da sorte, que poucos homens intermediários terão sido tão bem acolhidos e acatados. Tenho um modo franco de tratar com as pessoas, o que faz com que desde os primeiros momentos lhes conquiste a confiança. A franqueza e a

verdade são ainda, apesar dos tempos, muito recomendáveis. Além disso, ninguém suspeita dos que negociam sem interesse pessoal...” (p. 132)

O principal característico do homem idealista é agir sem nenhum interesse pessoal, visando sempre o bem comum.

Assim adquire credibilidade junto à comunidade a que serve.

Se, nos seus pensamentos e ações, surge a intenção de proveitos próprios, contamina-se a sua atuação, como o barro polui a água limpa.

A lição de Montaigne vale para todas as situações da vida e não só para o trabalho dos diplomatas e intermediários das negociações entre pessoas.

NATURALIDADE FRENTE AOS PODEROSOS

“Não tenho sentimento de ódio nem de profunda afeição pelos grandes.” (p. 133)

Existe uma tendência muito humana de subserviência frente aos poderosos e desdém em face das pessoas de reduzido destaque na sociedade.

Naquela época destacavam-se as pessoas sobretudo pelo seu *status* de nobreza, enquanto que hoje em dia o identificador de prestígio passa pelo poderio econômico.

Montaigne afirma que procurava tratar os poderosos com naturalidade, nem com ódio ou inveja, nem com submissão rastejante.

Assim realmente é que se deve fazer, pois, se devemos respeitar todas as pessoas, não será pelo fato de serem ricas que são melhores que as demais, nem também pela circunstância de serem pobres que são menos merecedoras da nossa consideração.

O que diferencia cada um são suas qualidades interiores, mas, mesmo elas devem induzir-nos a tratar todas as pessoas com naturalidade, sem extremos para mais ou para menos.

Aliás, as pessoas realmente conscientes de suas qualidades e defeitos nunca pretendem tratamento subserviente, pois se consideram comuns e iguais em essência a todas as outras.

Jesus mesmo recusou o qualificativo de “bom”, afirmando que somente Deus é “bom”.

A JUSTIÇA SERENA

“A cólera e o ódio nada têm a ver com a justiça...” (p. 133)

Para se defender uma causa justa ninguém precisa encolerizar-se ou odiar.

A cólera significa tomar atitude agressiva contra alguém, enquanto que odiar é querer arrasar quem pensa em contrário.

As ideais mais avançadas vencem as retrógradas principalmente pela sua própria essência superior, mas essa vitória demanda tempo, algumas vezes longo.

A argumentação consistente, mas, sobretudo, a demonstração da sua superioridade pela credibilidade de quem as expõem, fazem com que elas venham gradativamente a substituir as ideias errôneas.

Não deve haver precipitação na procura da prevalência das ideais mais apuradas.

Sobretudo, não se devem guerrear os retrógrados enquanto pessoas, pois têm a liberdade de pensar como quiserem. A luta

não deve ser direcionada contra as pessoas, mas sim contra as noções errôneas. Por isso, não se justificam a cólera e o ódio.

Nos debates, cada qual expõe seus pontos de vista, com toda a liberdade. A ideia melhor, cedo ou tarde, vencerá.

A QUALIDADE DAS INTENÇÕES

“Todas as intenções legítimas e justas são por si mesmas aceitáveis e moderadas, sem o que se tornariam subversivas e ilegítimas. Por isso ando por toda parte de cabeça erquida, rosto e coração abertos.” (p. 133)

As intenções representam a essência verdadeira das atitudes. Para a consciência o principal não são os resultados, mas a qualidade boa ou má das nossas intenções.

Muita gente diz andar “de cabeça erguida”, o que pode simplesmente traduzir arrogância. Mas é importante andar “de coração aberto”, ou seja, com a intenção de nunca trair a confiança de ninguém nem agir com segundas intenções.

Viver de “coração aberto” é uma das maiores dificuldades do ser humano, pois a maioria é ensinado, no próprio lar, a desconfiar de todo mundo, quando não a tentar intencionalmente enganar as outras pessoas. Esse é um dos piores exemplos que os pais podem dar aos próprios filhos.

A NOÇÃO DO DEVER

“... não devemos denominar ‘dever’, como o fazemos diariamente, esse encarniçamento e essa rudez que engendram as paixões e os interesses, nem devemos considerar corajosa uma conduta prenhe de traições e crueldades.” (p. 134)

Montaigne se referia à conduta dos participantes da guerra civil entre católicos e protestantes desencadeada na sua época.

A pretexto de defender a própria fé religiosa, os fanáticos e facciosos defensores da própria corrente ideológica praticavam as piores atrocidades e violências, justificando-se com a falsa noção do dever.

Na verdade, ninguém tem o dever de ser perverso, cruel e desumano, mesmo em se tratando daqueles profissionais da Justiça e os militares.

A INCONVENIÊNCIA DE DETERMINADOS OFÍCIOS

“Minha maneira de agir é algo diferente da habitual e não teria possibilidade de grandes êxitos nem durar muito; a própria inocência não poderia, em nossa época, dispensar a dissimulação, nem negociar sem mentir. Daí não serem os cargos públicos do meu agrado...” (p. 135)

Os cargos públicos, na época, dependiam unicamente da nomeação dos governantes, sem outro critério de escolha que não fosse a certeza da subordinação aética do servidor.

Escolhido alguém para algum cargo, sua norma de conduta era, nada mais nada menos, que a obediência cega, sem possibilidade de recusa às ordens recebidas.

Naquelas condições, normalmente as pessoas desonestas permaneciam por longo tempo como servidores dos reis e dos governantes, pois, acima da própria consciência, colocavam os interesses da Coroa.

Atualmente, nos cargos aos quais se acede por concurso, há, normalmente, uma garantia de permanência, obedecendo-se apenas às ordens eminentemente legais.

Ainda hoje, todavia, muita gente, querendo “fazer carreira”, “vende a consciência” e realmente se torna destacado no Serviço Público...

O CAMINHO DA RETIDÃO

“O caminho da verdade é um só, e simples; o que nosso interesse pessoal e os negócios alheios nos obrigam a seguir é tortuoso, desigual, acidentado.” (p. 136)

Há, basicamente, duas formas de alguém se conduzir na vida: pelo caminho da honestidade ou pelo caminho da desonestidade.

Um não se confunde com o outro e a escolha é “para valer”.

Não há um caminho “mais ou menos” honesto.

Montaigne é claro na defesa da isenção total quando no trato com a coisa pública, em que não deve entrar em consideração nenhum interesse pessoal nosso ou dos outros.

Trata-se de um ideal que pouca gente consegue realizar, pois costuma-se querer “levar vantagem” pessoal de permeio com a solução dos assuntos de interesse público.

JUSTIÇA IMPERFEITA

“Não temos modelo sólido e positivo do verdadeiro direito e da justiça perfeita; temos apenas uma imagem dela, uma sombra.” (p. 136)

A afirmação é de Cícero, proferida há mais de dois milênios, mas que continua válida até hoje.

O Direito e a Justiça são retratos da realidade humana, ou seja, representam tentativas de reair o justo.

Todavia, há ainda muitos interesses pessoais e de grupos em jogo na elaboração das leis e no trabalho dos operadores do Direito.

Infelizmente, os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade constam mais das leis do que da prática da Justiça.

A seleção de operadores do Direito é realizada visando sobretudo seu nível intelectual ao invés do ideal de servir os cidadãos.

JUÍZES QUE SEGUEM A CONSCIÊNCIA

“Devemos jurar a nós mesmos o que os reis do Egito exigiam de seus juízes: que não se desviassem nunca do que lhes ordenasse a consciência, ainda que recebessem instruções do próprio soberano.” (p. 137)

No nosso país, a única previsão legal de julgamento de acordo com a própria consciência é para os jurados. Os juízes togados são obrigados a julgar de acordo com a lei e a jurisprudência (decisões dos Tribunais).

Os legisladores preferem estabelecer parâmetros, através das leis, para todos os juízes julgarem da mesma forma os casos semelhantes. Semelhantemente fazem os Tribunais ao elaborarem sua jurisprudência.

A ideia de julgamento segundo a consciência de cada juiz fica sob suspeita da maioria dos teóricos e práticos da Justiça,

uma vez que entende que representaria um caminho aberto para o arbítrio ou a desonestidade.

OS FINS NÃO JUSTIFICAM OS MEIOS

“É um erro julgar a beleza e a grandeza de uma ação pela sua utilidade e imaginar que devemos fazer e considerar honesto tudo o que é útil...” (p. 141)

A doutrina de que “os fins justificam os meios” é aplicada por certas pessoas que não se preocupam com a Ética.

Montaigne defende a tese contrária, a de que tudo vale mais pela intenção do que pelo resultado.

A qualidade ética das nossas ações é que nos define o caráter e nos dá ou não a paz da consciência.

Montaigne era muito mais um filósofo religioso do que um político ou jurista. Como adepto do autoconhecimento socrático, interessava-lhe, sobretudo, o aprimoramento intelecto-moral do

ser humano, ao invés do simples progresso material do mundo. Essa a sua maior contribuição.

A PROCURA DO CAMINHO CERTO

“Se minha alma pudesse fixar-se, eu não seria hesitante; falaria claramente, como um homem seguro de si. Mas ela não para e se agita sempre à procura do caminho certo.”

(p. 142)

A estagnação é uma das piores opções de vida a que alguém pode se condenar.

Estar sempre à procura do caminho certo não significa duvidar de tudo e estar sempre “reinventando a roda”, mas sim procurando sempre esclarecer-se mais e melhor.

Há certas verdades de que não faz sentido duvidar, pois sua evidência é clara demais. A partir daí, a procura de seus desdobramentos é natural e deve constituir nosso objetivo de vida.

Somente pesquisar essas verdades, sem nenhuma utilidade, como quem passa a vida estudando sem nunca começar a trabalhar, é, indiretamente, pretender a ociosidade.

Todo conhecimento vale pela aplicação prática que se lhe dá.

Aprender só faz sentido se convertemos as lições em bênçãos para nós próprios e para os outros.

O caminho certo é o do autoconhecimento, que engloba toda a Ciência, a Filosofia, a Religião e a Arte, visando o aprimoramento intelecto-moral do ser humano.

RECONHECIMENTO DAS PRÓPRIAS LIMITAÇÕES

“... não se trata aqui de simples palavrorio e sim de um ato de humildade completa e absoluta: o que digo provém de alguém que não sabe e procura; e como conclusão atenho-me simplesmente às ideias comuns e legítimas. Não ensino, conto.” (p. 143)

Como estudioso de si mesmo, na procura do autoconhecimento, na certa, reconhecia que quase nada podia afirmar acerca desse imenso universo que é a essência humana.

Por isso, a atitude de humildade, que não era falsa modéstia, mas certeza sincera das próprias limitações.

Se tivesse colocado como foco dos seus estudos um assunto material, teria mais condições de ser incisivo e conclusivo. Mas,

escolhendo como tema a essência humana, via-se compelido à humildade, ainda mais que reconhecia ser impotente a razão humana e que a única fonte segura do Conhecimento é a Inspiração Divina.

Essa é uma das mais importantes contribuições de Montaigne à Filosofia, que, infelizmente, não tem sido considerada pelos filósofos e pelas universidades, focados sobretudo na prevalência da razão, com poucos resultados para a evolução ética do ser humano.

FAZER O BEM

“...fazer o bem traz sempre uma satisfação interior reconfortante e inspira essa generosa altivez que acompanha a consciência limpa.” (pp. 143/144)

Quem faz o bem ganha mais do que o beneficiário, assim afirmam todas as correntes religiosas.

A paz interior que se aúfere suplanta qualquer outro benefício.

Não há patrimônio maior e mais realizador que esse, independente das condições exteriores e até da saúde.

Quem vive em função de fazer o bem vive no Paraíso, mesmo que seja pobre, sem prestígio social, esteja preso, doente ou cercado das maiores dificuldades.

A maior parte da humanidade ainda não entendeu que o Amor, que se sente e se dá, é o único caminho para a Felicidade. A própria inteligência é mera ferramenta, que pode ser usada para o Bem ou para o Mal, enquanto que o Amor implica automaticamente no Bem.

Fazer o Bem é o melhor investimento que o ser humano pode fazer.

Os pais deveriam ensinar essa lição aos filhos e as escolas deveriam preparar seus alunos para ser úteis e benfazejos à coletividade, como preconiza a Pedagogia do saudoso Sathya Sai Baba, ao invés de simplesmente transmitir-lhes informações visando seu sucesso profissional.

A SABEDORIA DE SÓCRATES

“Perguntai a Alexandre o que sabe fazer. Dirá: subjugar o mundo. Indagai o mesmo de Sócrates e responderá: viver a vida humana de acordo com as condições estabelecidas pela natureza. Ciência bem mais vasta, mas pesada e mais digna.” (p. 146)

O progresso simplesmente material levou a humanidade ao vazio existencial, gerando problemas como o medo, a solidão, a ansiedade e a rotina.

As pessoas se desenvolveram intelectualmente, passando a ter mais tempo para refletir, mas o interior da maioria está despreparado para o exercício do autoconhecimento. Assim, muitos sentem os efeitos da depressão, produto da inconsistência interior, que acabará por fazê-los partir para o autoconhecimento.

Quando se diz que devemos viver de acordo com as “*condições estabelecidas pela natureza*” deve-se entender a “*natureza humana*”, para tanto sendo necessário o autoconhecimento, que sinaliza para o autoaprimoramento intelecto-moral.

Sem esse investimento, a vida fica sem sentido, pois simplesmente possuir bens materiais gera o desencanto e não possuí-los produz a revolta.

O caminho é o autoconhecimento.

O ARREPENDIMENTO EFICAZ

“... para que haja arrependimento, a meu ver, é preciso que nada lhe escape, que atinja as entranhas e que magoe até onde penetra o olhar de Deus.” (p. 149)

Arrepende-se realmente exige uma análise profunda não só da ação equivocada como também de tudo que nos levou a praticá-la, sem faltar um item por mínimo que seja.

Se a intenção é emendar-se, nada pode escapar à própria análise.

Somente assim adquirimos base para a mudança necessária para melhor.

Nem autoflagelação nem desculpismo.

Uma vez realizada reflexão, partamos para o trabalho de recomposição, inclusive com atitudes positivas de auxílio à

própria vítima, se possível e conveniente, ou a outrem, que careça de ajuda.

Todo erro representa um aprendizado para quem tem sincera intenção de aprimorar-se e age de boa-fé.

TEMPERANÇA E CASTIDADE

“Deve-se amar a temperança por si mesma e em atenção a Deus que a prescreveu; assim também devemos amar a castidade.” (p. 151)

Uma alimentação saudável, balanceada e programada muito mais em função da qualidade nutritiva dos produtos do que em função do sabor; a abstenção de alcoólicos e do fumo, que não se justificam de forma alguma, apesar de até alguns médicos afirmarem a utilidade de uma pequena dose diária de bebida; a consideração das bebidas gaseificadas como nocivas para a saúde; a moderação na ingestão de doces, principalmente aqueles refertos de conservantes e colorantes artificiais, normalmente prejudiciais à saúde; a prática regular de esportes não agressivos ao organismo e a dedicação aos trabalhos domésticos; o

equilíbrio na atividade sexual; o sono nos horários e na quantidade adequados; a manutenção do bom ânimo, da serenidade, do controle das emoções, de alguma atividade laboral, do exercício intelectual, da oração e da filantropia - tudo isso representa a temperança.

Há alguns médicos que chegam a considerar a maconha como útil à saúde, ignorando o próprio bom senso comum...

Há os que vão dormir, nos finais de semana, altas horas da madrugada, depois de estarem despertos por conta de festejos e reuniões sociais onde normalmente consomem bebidas alcoólicas...

Indica-se a temperança como importante por si própria, ou seja, pelos benefícios que leva à saúde e para a conservação da serenidade na vida das pessoas.

Também o filósofo afirma que a temperança deve ser praticada em consideração a Deus, ou seja, a vida equilibrada representa uma adequação às Leis Divinas, segundo as quais em tudo deve haver equilíbrio.

Uma vida desorganizada, atabalhada e decadente representa uma anomalia, uma forma de desconsideração à própria Divindade, em última instância.

A fé montaigniana na Paternidade Divina o levava a analisar se suas atitudes diárias estavam ou não de acordo com as Leis de Deus.

O resultado de uma vida plena de temperança é a paz verdadeira, dentro das limitações humanas.

Quanto à castidade, pode parecer que o filósofo pretenda sua abstenção forçada, como procuram praticá-la os monges e determinadas pessoas que se propuseram à sua abolição total.

Todavia, “*amar a castidade*” nos pareceu representar um ideal, a intenção de caminhar para o respeito à sexualidade, através do autoconhecimento, que nos faz, em conhecendo a essência humana (ou seja, corpo e espírito), aprender a dar a cada coisa o seu devido valor, nem mais nem menos.

A tendência, realmente, é a valorização cada vez maior dos sentidos espirituais e o decréscimo das sensações puramente instintivas: daí a expressão “*amar a castidade*”, segundo pudemos depreender não da frase isolada, mas de todo o contexto das ideias de Montaigne.

A VELHICE SEM IDEALISMO

“Nessa altura da existência chamamos sabedoria aos nossos humores doentios e ao enfado que se apodera de nós. Na realidade não renunciamos aos vícios; mudamos tão somente, e para pior. Além de um orgulho tolo e caduco, de um palavrório aborrecido, de um humor suscetível e insociável, de muita superstição, de uma ridícula necessidade de riquezas inúteis, faz a velhice que se desenvolvam em nós a inveja, a injustiça e a maldade; põe-nos ela mais rugas no cérebro do que no rosto e não se vêem muitos espíritos que, ao envelhecer, não rescendam a mofo e ranço.” (p. 152)

Esse é o retrato dos que envelhecem sem idealismo.

Todavia, as pessoas que vão ingressando na velhice cheias de sonhos idealistas e impulsionadas pela generosidade tornam-se

respeitáveis e sua presença é sempre um benefício onde chegam e se apresentam.

Trata-se de um alerta para quem ainda não despertou para o ideal de ser útil e ainda vive centrado nos seus próprios interesses, no seu orgulho, egoísmo e vaidade.

Nunca, porém, é tarde para recomeçar, ou seja, tornar-se uma pessoa útil e valiosa para a coletividade.

Muitas entidades hoje existem de valorização dos idosos, incentivando sua socialização e a noção de que sempre podem ser úteis e felizes, independente da idade.

Aliás, há um ditado que diz: “Só é solitário quem não é solidário”.

LEITURA E MEDITAÇÃO

“A leitura serve-me principalmente de pretexto a meditações; faz que meu julgamento trabalhe e não minha memória.” (p. 153)

Há quem consiga entrar em meditação pela simples concentração do pensamento. Na Índia, por exemplo, exercita-se muito a meditação.

A leitura, todavia, pode servir de caminho para esse “desligamento” das coisas do dia-a-dia, tanto quanto outros se “desligam” com a indução da Música etc.

O “*julgamento*” a que Montaigne se refere é a reflexão, a análise sobre os temas que lhe interessavam, os quais, como afirma em vários pontos de sua obra, resumem-se ao autoconhecimento.

Não se preocupava em tornar-se erudito, apesar de sê-lo como consequência natural do muito que lia. Sua intenção era aprofundar o autoconhecimento.

BOM GÊNIO

“Minha tolerância, hostil a rancores e rigorismos, pôde facilmente preservar-me da inveja e inimizade alheias...”

(p. 154)

A tolerância é uma das mais importantes virtudes, respeitando a liberdade de cada um ser do jeito que melhor lhe apraz; isso, é claro, sem chegar ao ponto de nos omitirmos no dever de orientar nossos filhos e impedir que abusos se pratiquem. Sempre é necessário o bom senso na condução da nossa vida diária, ou seja, nem tolerância extrema nem intolerância absoluta.

Cultivar rancor e rigorismo são péssimas opções de vida. Quem é rancoroso transforma amigos em inimigos. Quem é rigorista semeia antipatia onde passa.

Não há meio de impedir-se que alguém nos inveje, mas só de adotarmos atitudes mais modestas já restringe, e muito, as oportunidades de quem queira nos invejar.

Impedir totalmente que alguém se considere nosso inimigo é impossível. O máximo que podemos fazer é não sermos inimigos dos outros e não fazermos mal a ninguém. Se eles querem nos odiar, o problema é deles...

A HUMILDADE

“invejo os que sabem nivelar-se, pela conversação, aos mais humildes personagens de seu séquito. Não sou da opinião de Platão, o qual recomendava guardar-se a necessária distância com os servidores, sem jamais descer à amabilidade e menos ainda à familiaridade. Além da razão acima apontada, considero inumano e injusto prevalecer-se alguém, a esse ponto, do privilégio da fortuna. Os costumes que exigem menor desigualdade entre amos e lacaios parecem-me mais equitativos. Há pessoas que se esforçam por manter artificialmente o espírito nas regiões etéreas; eu quero o meu humildemente instalado junto ao solo.” (p. 154)

Tratar as pessoas socialmente menos destacadas com desdém é um dos piores defeitos que um ser humano pode adotar.

Afinal, somos todos iguais.

Felizmente, as leis vêm reconhecendo mais direitos aos cidadãos colocados mais abaixo na escala social.

ABOLIÇÃO DA ETIQUETA

“Toda etiqueta é abolida.” (p. 156)

Refere-se Montaigne à sua casa, onde cada amigo ou visitante que ali chegava se sentia totalmente à vontade, sem formalidade ou etiqueta.

Trata-se da melhor forma de recebê-los, voltando sempre, por se sentirem bem acolhidos, como se estivessem na sua própria casa.

A etiqueta incomoda as pessoas e afasta-as da convivência, a qual se torna pesada e difícil.

Bom é conviver com pessoas informais.

ATIVIDADES FÍSICAS NA VELHICE

“E não há coisa mais prejudicial e a ser mais evitada no declínio da vida.” (p. 160)

Montaigne se refere à necessidade de se exercitar atividades físicas na velhice.

Aliás, devem ser praticadas em todas as idades, desde a mais tenra até o último dia de vida, se possível e dentro das preferências de cada um.

Quem pratica esportes desde a infância consegue fazê-lo até a idade mais avançada, o mesmo se dizendo das atividades braçais, contanto que não haja excessos e que tudo se faça sob orientação de profissional da área de saúde.

RESISTIR AO MAL E SEGUIR A FÉ

“Devemos instruir a alma acerca dos meios de resistir ao mal e das regras de bem viver e seguir o caminho da fé, despertando-a e exercitando-a amiúde nesse estudo. Mas, ante uma alma comum, isso se há de executar com brandura e moderação, porquanto uma tensão contínua a enlouqueceria.” (p. 168)

Resistir ao mal se faz através do “orar e vigiar”, ou seja, analisar-se e pedir o auxílio divino na procura da evolução espiritual.

As regras de bem viver são as que a consciência aponta como úteis para nós em relação a nós próprios e na nossa vida de relação. O Amor é o referencial básico para o bem viver, incluindo o auto e o aloamor, ou seja, o amor a si próprio e o amor aos outros.

O caminho da fé se percorre através da oração, no contato diário com Deus.

Montaigne preconiza que os esclarecimentos se façam de acordo com o nível de compreensão de cada um, não se devendo “forçar o discípulo a agir no nível do mestre”.

A Verdade é uma escada onde o número de degraus é infinito e cada pessoa se encontra em um nível diferente.

Devemos cobrar somente de nós mesmos, assim mesmo sem extremismos. Quanto aos outros, podemos sugerir.

UM PSICÓLOGO DO SÉCULO XVI

“Sócrates tinha uma fisionomia que não variava nunca, serena e sorridente... [...] A virtude é naturalmente jovial.”

(p. 171)

Esse o perfil psicológico de um ser humano quase perfeito.

A serenidade era o retrato do seu interior, onde não havia nenhum sentimento negativo, mas apenas a Fraternidade permanente e universal.

O sorriso era a forma que encontrava de mostrar receptividade em relação a todos.

EXPOR-SE SEM EXCESSO DE ESCRÚPULO

“Apoiando, a esse respeito, os huguenotes que nos censuram o caráter sigiloso de nossa confissão, confesso-me publicamente com toda convicção e sinceridade. Santo Agostinho, Orígenes e Hipócrates tornaram públicos os seus erros de opinião; eu divulgo também os de meus costumes.” (p. 172)

Montaigne não só expôs humildemente seus erros de opinião quanto de conduta.

Tratava-se de um verdadeiro estudante da Verdade, que Jesus destacou, como do autoconhecimento, divulgado por Sócrates.

Seus pontos de vista e suas atitudes ele os analisava e expôs através do livro Ensaios, através do qual não se preocupou em

elogiar-se, mas sim em se mostrar com todas as qualidades e defeitos, visando aperfeiçoar-se.

SERENIDADE FRENTE AOS CRÍTICOS

“Sócrates, a alguém que lhe diz que falavam mal dele, observou: ‘absolutamente, não há em mim nada do que afirmam’.” (p. 173)

Sócrates, ao invés de irritar-se com a crítica, como acontece com as pessoas em geral, que, aliás, costumam aproveitar a oportunidade para relacionar as falhas morais dos seus críticos, simplesmente disse que a crítica era improcedente.

Com isso, apresentou sua defesa e não tomou nenhuma atitude ofensiva. Simplesmente limitou-se a pulverizar a injúria.

Fazia parte da sua índole nunca atacar, mas apenas se defender, quando necessário: essa a postura de um homem eticamente superior, que evita confrontos desnecessários, os quais trazem sempre resultados negativos.

O CASAMENTO

“Sócrates, a quem se indagava se valia mais a pena casar ou não, respondia: ‘o que quer que façais, haveis de arrepender-vos’.” (p. 176)

Sócrates permaneceu casado até seu último dia de vida, apesar de consorciado com u’a mulher irascível, que ficou conhecida na História por essa característica lamentável.

Conhecendo, como conhecia, a imaturidade afetiva da quase generalidade das pessoas, afirmou que qualquer escolha que fizessem, arrepender-se-iam.

O problema não é casar ou não casar, mas sim a imaturidade afetiva da imensa maioria das pessoas.

Muitos, apesar de o negarem, casam visando a riqueza, a beleza, o prestígio social e outros interesses que não o amor.

Infelizmente, é assim que costuma acontecer.

OS PRAZERES

“A filosofia não se opõe aos prazeres naturais, conquanto não se abuse deles. Recomenda a moderação e não a fuga. E seus esforços visam desviar-nos dos que não são naturais ou que, embora vindos da natureza, se deturpam. Diz que o espírito não deve intervir com o fim de aumentar nossas necessidades físicas, adverte-nos com razão da inconveniência de excitar nossa fome com excessos, aconselha-nos a não nos empanturrarmos em lugar de nos alimentarmos, bem como a evitarmos tudo o que desperte nossos apetites. No que concerne ao amor, convida-nos a somente satisfazermos as solicitações da carne, sem que a alma se perturbe, porque a coisa não lhe diz respeito e lhe cumpre apenas assistir o corpo. Creio portanto estar certo

quando observo que esses preceitos (que considero entretanto algo excessivos) visam um corpo em estado de desempenhar seu papel. Quanto a um corpo debilitado, parece-me inútil tentar aquecê-lo e animá-lo mediante processos artificiais, ou recorrendo à imaginação a fim de lhe devolver o apetite e a alegria que já não possui.” (pp. 205/206)

Montaigne imaginou duas situações diferentes: aqueles que tinham ainda uma disposição, digamos, juvenil e aqueles outros que viviam um estágio de maiores limitações físicas.

No primeiro caso, aconselhava a moderação; no segundo, a serenidade.

Hoje em dia, muito mais do que naquela época, muita gente procura retardar o envelhecimento e alguns até o rejuvenescimento.

É muito justo recorrer-se aos meios que propiciam a longevidade, todavia há recursos que nenhum efeito colateral produzem e outros que realmente prejudicam a saúde.

Um grande problema atual são as cirurgias plásticas que visam apenas satisfazer a vaidade doentia, tratamentos agressivos para manter viva a sexualidade, anabolizantes e outras formas de forçar o organismo a situações antinaturais.

ESCOLHA DA PARCEIRA IDEAL

“Aconselhar-me-ão a voltar-me para as mulheres que estejam em condições iguais às minhas.” (p. 207)

Há idosos que se entusiasмам com pessoas muito mais novas, o que costuma trazer resultados desastrosos, evidentemente.

No afã de agradar a parceira ou o parceiro, muita gente se violenta física e moralmente.

Nossa época vive o “culto do corpo”, em detrimento dos valores morais: assim se forjam grandes desgraças.

RESPONSABILIDADE IGUAL DE HOMENS E MULHERES

“... machos e fêmeas saem de um mesmo molde e que, salvo pela educação e os costumes, em bem pouca coisa diferem. Platão dá-lhes em sua República os mesmos direitos e deveres, na guerra como na paz. E o filósofo Antístenes não estabelecia distinção entre a virtude dos homens e a das mulheres. É bem assim mais difícil acusar um sexo do que desculpar o outro.” (p. 209)

Observador da alma humana, Montaigne reconhecia que tanto os homens quanto as mulheres são responsáveis pela própria conduta no que pertine à sexualidade.

Por isso, se pode concluir que os pais devem educar seus filhos orientando-os através de informações científicas e moralizantes ao invés de fazer como muitos fazem, deixando que

seus filhos aprendam de forma deturpada através de vários meios, inclusive da pornografia.

Hoje em dia, aliás, a pornografia, sob o disfarce da Arte, apresenta-se na maioria dos meios de comunicação, com resultados altamente danosos à formação de adolescentes e jovens.

Dever-se-ia pensar em penas severas para os infratores às regras da Moral praticadas através dos meios de comunicação.

AMOR AOS ANIMAIS

“A liberalidade não se justifica nos reis. Os particulares têm mais direito a ela, pois, a rigor, um rei nada possui de verdadeiramente seu e deve-se por inteiro aos outros. A administração não foi criada para o bem do administrador e sim para o do administrado. Não se cria um superior em vista de sua própria vantagem, mas em benefício do inferior; o médico é feito para o doente e qualquer magistratura ou arte tem um objetivo situado fora de si, já o dizia Cícero.” (p. 212)

A ideia do Serviço Público em função dos cidadãos encontra seu embasamento em afirmações dessa natureza.

Infelizmente, essa ideologia está muito distante da prática no dia-a-dia dos funcionários públicos dos variados níveis.

Campanhas se realizam pela melhoria do atendimento, mas a falha principal está na seleção, uma vez que muitos servidores não são vocacionados para servir e atendem mal os usuários.

Enquanto não houver um exame psicológico de avaliação dos candidatos quanto à vocação, o Serviço Público continuará sendo de qualidade duvidosa.

INCONVENIENTES DAS GRANDEZAS

“...mostrei, em minha conduta na vida, que antes me esforcei por fugir às grandezas do que por elevar-me acima do lugar que Deus me deu na sociedade.” (p. 221)

Há um limite do razoável, que varia de pessoa para pessoa, quanto às pretensões de prestígio, remuneração e desejo de reconhecimento das outras pessoas.

Alguns se contentam com pouco, outros não se contentam nem com muito.

Em compensação, o nível de tranquilidade e paz interior que cada um consegue tem muito a ver com o fato de saber moderar a própria ambição.

Montaigne entendia que o nível que alcançou lhe foi concedido por Deus: isso representa muito em termos de viver em paz consigo mesmo.

Quem pensa que somente a si deve suas conquistas costuma estar sempre querendo mais e mais.

É tudo uma questão de maior ou menor humildade perante Deus.

HUMILDADE

“...sou franco e digo sem pejo de minha humildade.” (p. 222)

A humildade é a virtude oposta ao orgulho.

Todavia, como discípulo de Sócrates e praticante do autoconhecimento, sabia que a humildade é consequência do verdadeiro e profundo amadurecimento intelecto-moral.

Os orgulhosos sabem pouco de si e, por isso, se julgam mais do que são.

O autoconhecimento leva não só à humildade como a todas as outras virtudes.

O PESO DO PODER

“O ofício mais difícil deste mundo é sem dúvida o de rei. Desculpo-lhes os erros de bom grado, pois considero extremamente pesado o fardo que lhes cumpre carregar.”
(p. 222)

Qualquer função de comando exige uma série de qualidades morais e intelectuais que a maioria dos chefes não tem: a uns faltam alguns itens de inteligência e a outros algum detalhe ético.

Todavia, o poder absoluto dos reis era o fardo mais pesado, justamente pelo fato da falta de barreiras para suas atitudes.

Felizmente, hoje em dia existem muitos freios às autoridades, não existindo no mundo civilizado ninguém tão poderoso a ponto de exercer o poder de forma absoluta.

O controle dos atos dos servidores públicos e dos particulares tem de se basear no interesse público, inclusive já existindo previsão na Constituição Federal quanto à função social da propriedade, a qual carece ainda de transformar-se em realidade no dia-a-dia dos cidadãos.

A INFELICIDADE DE TER PRIVILÉGIOS EXCESSIVOS

“Quem não corre risco, nem enfrenta dificuldades, não pode pretender a honrarias nem em se beneficiar com o prazer das vitórias. É triste ter um poder diante do qual tudo se incline; uma tal vantagem repele as demais. Essa cômoda e covarde facilidade de fazer com que tudo se abaixe diante de si, exclui quaisquer satisfações; escorrega-se, não se anda; dorme-se, não se vive. Imaginai um homem onipotente: ei-lo angustiado; precisa pedir-nos

a esmola de uma resistência; sua felicidade é incompleta e ele sofre com isso.” (p. 223)

Muita gente sonha em se tornar milionário, os sovinas simplesmente para viver contemplando as próprias riquezas e os perdulários para usufruir de todas as futilidades imagináveis.

Milhões comparecem diariamente às casas lotéricas à espera da “sorte grande”.

Enquanto isso, Montaigne, que conviveu com muitos milionários, e, inclusive, com alguns reis, mostra o lado trágico da vida dessas pessoas, a quem ninguém contraria, todos bajulam e vivem infelizes porque tudo lhes é facilitado em demasia.

ALERTA PARA QUE OUTROS NÃO ERREM

“Publicando e criticando minhas imperfeições, ensinarei alguém a temê-las. As qualidades que mais aprecio em mim, mais se honram em me criticar do que em me elogiar. Eis por que volto amiúde a isso, e tanta vez me demoro no assunto. Mas não é possível tudo contar de si próprio sem que algum prejuízo advenha: acreditam no mal que dizemos e duvidam do bem.” (p. 224)

Montaigne não esconde suas falhas no livro que o consagrou. Visava, não a incentivar o Mal, mas sim alertar as pessoas para não incidirem em erros.

Infelizmente, há autores que visam difundir os piores exemplos: vivem da pior forma possível e querem fazer adeptos.

O PRAZER DE CONVERSAR

“O mais proveitoso e natural exercício de nosso espírito é, a meu ver, a conversação. É-me a sua prática mais agradável do que qualquer outra.” (p. 225)

Através da conversação Jesus Cristo e Sócrates transmitiram suas grandes lições, pois nada escreveram.

Conversar utilmente é muito importante.

Através da palavra falada podemos muito fazer em termos de divulgação das boas ideias, pois são relativamente poucas as pessoas que têm o hábito da leitura.

A VERDADE

“Acolho e festejo a verdade, venha de quem vier...” (p. 226)

Quem tem bom senso acolhe as boas sugestões e aprende com as informações alheias.

A verdade a que se refere Montaigne pode ser interpretada como qualquer informação ou sugestão útil.

Há quem concentre a atenção nos aspectos negativos da vida, das situações ou das pessoas a pretexto de falar a verdade: em realidade, está simplesmente propagando sua índole malévola.

RESPEITO AOS PONTOS DE VISTA ALHEIOS

“Eis por que censuro minha impaciência e confesso que é uma falha, tanto em quem tem razão como em quem não a tem, porque é sempre rispidez tirânica não suportar maneiras diferentes da nossa, e não há maior tolice, nem mais absurda, do que impressionar-nos e irritar-nos com as tolices alheias” (p. 229)

É preciso respeitar-se a liberdade alheia de pensar e falar.

Não faz sentido querer impedir os outros de manifestarem livremente seus pontos de vista.

A Verdade tem muitos ângulos, sendo que cada pessoa percebe-a por um deles.

A sabedoria consiste em ouvir e apreender o que de bom cada um diz e, mesmo os pontos de vista absurdos, funcionam como alerta ao bom senso.

“Cada um dá o que tem”, diz o ditado.

AUTOANÁLISE

“... os defeitos que detestamos em outrem são ainda mais visíveis em nós e no entanto os admiramos com maravilhosa impudência sem perceber a contradição.” (p. 230)

É importante observarmos nossos próprios defeitos, no trabalho do autoconhecimento.

Quanto aos defeitos alheios, a eles competem sua detecção e correção.

Aconselhava Jesus a cada um analisar suas próprias falhas morais e dizia também: “Eu a ninguém julgo”.

SUPERSTIÇÃO

“Sócrates era de opinião que se alguém cometesse algum crime, juntamente com seu filho e um estranho, deveria começar por se apresentar ao carrasco e provocar sua própria punição; só depois faria o mesmo com o filho e por último com o estranho. Esse preceito pode parecer severo,

mas quem se acha culpado deve ser o primeiro a entregar-se ao castigo da própria consciência.” (p. 230)

As pessoas costumam fazer o contrário do que aconselhava Sócrates: sendo descoberta uma falta moral, primeiro incriminamos o estranho e, ao mesmo tempo, procuramos encobrir-nos e aos nossos parentes e amigos.

A honestidade pregada por Sócrates está longe da prática da imensa maioria das pessoas: quase todo mundo procura negar os próprios erros e os dos seus parentes, enquanto que adora divulgar as falhas alheias, até exagerando-as.

Condenando os outros, tentamos mostrar que somos ímpolitos: trata-se de uma estratégia psicológica desonesta.

SELEÇÃO DE SERVIDORES PÚBLICOS

“Quem encontrasse o meio de julgar os homens com razão e justiça, asseguraria uma perfeita organização dos serviços públicos. Mas, ouve-se dizer ‘mas ele deu conta do recado’. É uma razão, mas não basta, pois há uma

máxima que diz: ‘não se deve julgar o valor das ideias pelos resultados’. Os cartagineses puniam seus capitães quando julgavam más as medidas tomadas, ainda que o resultado final as corrigisse. O povo romano recusou muitas vezes as honras do triunfo a generais que haviam alcançado grandes e úteis vitórias, por considerar que seu procedimento não correspondia à sua sorte.” (p. 232)

O único critério para a escolha dos servidores públicos deveria ser seu julgamento pela razão e pelo senso de justiça.

O apadrinhamento imerecido é condenável, pois pode conceder um privilégio a quem não o merece e retirar a oportunidade que deveria ser concedida a pessoas realmente em condições de realizarem um trabalho qualificado, onde o que deve estar em primeiro lugar o público destinatário daquele trabalho e não a figura do servidor.

A razão e o senso de justiça indicam que o melhor servidor é aquele que reúne dois requisitos: qualificação intelectual e desejo sincero e permanente de servir.

PLANTAR E AGUARDAR OS RESULTADOS

“Quando me consulto, esboço apenas o tema de minhas reflexões e o encaro superficialmente nos seus primeiros aspectos: o principal da tarefa, tenho por hábito confiá-lo ao céu: ‘Deixa aos deuses o resto’. [...] Vã é a empresa de

quem presume abraçar causas e consequências e conduzir os fatos pela mão.” (p. 233)

Semear é o que nos compete. O resultado está nas mãos de Deus.

No trabalho de esclarecimento das pessoas quanto ao autoconhecimento, garantir a colheita no íntimo alheio está muito acima da nossa capacidade de controle e previsão.

O próprio Jesus ainda é desconhecido para mais de metade da humanidade e, até, entre os que se dizem cristãos, a maioria pouco se preocupa com o trabalho da própria melhora íntima.

O que podemos garantir é somente a sementeira, dentro do nosso estreito campo de trabalho, o que já representa uma grande conquista para nós.

NOSSAS ATITUDES E OS ACONTECIMENTOS

“... os acontecimentos são frágeis testemunhos de nosso valor e capacidade.” (p. 233)

Nós temos a capacidade de agir, mas o rumo dos acontecimentos, quando há outras pessoas envolvidas, depende de muitos fatores independentes de nós.

Por isso, importa o que fazemos e não os resultados.

Somos aprovados ou não pela própria consciência pelas nossas atitudes e, naturalmente, pelas nossas intenções mais secretas, e não pelo que acontece em função das nossas iniciativas.

A LIÇÃO DE HEGÉSIAS

“... é preciso não odiar nem censurar, mas ensinar.” (p. 235)

Muita gente entende que ensinar é punir, castigar, humilhar o aprendiz.

Assim procedem, muitas vezes, a Justiça, a Escola, a sociedade e os próprios pais.

O importante é ensinar, o que demanda métodos próprios, no centro dos quais está o verdadeiro Amor pelo aprendiz.

Quem pretende ensinar sem Amor, odeia o pupilo, censura-o frequente e duramente e ensina-lhe apenas o ódio e a ideia do castigo.

Por isso, um dos maiores mestres da Pedagogia foi Pestalozzi, que muito amava seus alunos. Também por isso, Maria de Nazaré é o exemplo de Mestre, pois sua capacidade de amar nunca foi igualada.

APRENDIZAGEM COMPETENTE

“... pode-se dizer o que Ciro respondeu a quem o aconselhava a exortar seu exército antes da batalha: ‘os homens não se tornam valentes e guerreiros só por ouvirem uma boa arenga, como ninguém se torna imediatamente músico só por ouvir uma bela canção.’ É preciso uma longa e prévia aprendizagem.” (pp. 235/236)

A competência para qualquer atividade exige um longo e qualificado aprendizado.

Quanto ao Judiciário, por exemplo, entendo, conforme alguns, que os pré-requisitos deveriam ser pelo menos 10 anos de prática forense e 35 anos de idade. Acrescento a isso a necessidade de um exame psicológico onde se avaliasse a vocação para servir.

Um sério problema no mercado de trabalho é a preparação insatisfatória talvez da maioria dos profissionais: existe muita falta de seriedade das escolas e dos alunos nesse ponto.

Preocupam-se muitas escolas em simplesmente ganhar dinheiro e muitos alunos em conseguir o diploma a qualquer custo.

Esse quadro contribui para sermos qualificados como país do terceiro mundo.

A CORRUPÇÃO DO SÉCULO

“A corrupção do século deve-se à cooperação de cada um de nós em particular, uns contribuem com a traição, outros com a iniquidade, a irreligião, a tirania, a avareza, a crueldade, segundo as suas forças; os mais fracos dão a estupidez, a vaidade, a ociosidade...” (p. 240)

Montaigne não isenta ninguém dos males que infelicitam a sociedade: atualmente, cada um de nós contribui, mesmo que seja por omissão e frieza, para a miséria, a desigualdade, o alcoolismo, a drogadição, o racismo etc. etc.

As pessoas costumam atribuir aos Governos o dever de resolver os problemas grandes e pequenos, mas o voluntariado representa uma importante contribuição, nascido da cidadania e da religiosidade.

Não há como justificarem-se as omissões de alguns, que pensam apenas em si e em seus familiares.

SERVIR AO PÚBLICO

“Acho que servir ao público e ser útil ao maior número é o que há de mais honroso, ‘nunca apreciamos melhor os frutos do gênio e da virtude como quando os repartimos com o próximo’...” (p. 244)

Esta deveria ser a alma do Serviço Público.

Infelizmente, a maioria dos servidores pensa em benefícios pessoais e quase nada se importa com o bom atendimento aos cidadãos.

O grande problema é a seleção inadequada dos servidores, que não avalia se os candidatos têm realmente o ideal de servir ao público.

A AVAREZA

“Vil e tola atividade, essa que consiste em lidar permanentemente com dinheiro, contando-o e pesando-o! Por esse caminho é que se chega à avareza.” (p. 245)

Há dois tipos de pessoas que amam as riquezas: umas que as desbaratam como verdadeiros pródigos e outras que se se apegam a elas como se fossem “seres amados”. As segundas são os sovinas, muitos dos quais costumam viver miserável e sacrificadamente para não terem de lançar mão do seu patrimônio, que procuram aumentar cada vez mais.

Trata-se de um desvio da personalidade, que acomete muito mais pessoas do que se imagina.

“Não porque o disse Sócrates, mas porque em verdade o penso, todos os homens são meus compatriotas; e sou mesmo levado a exagerar este sentimento. Abraço um polonês como abraçaria um francês, fazendo passar os laços que unem os indivíduos de uma nação após os que vinculam uns aos outros os habitantes do mundo.” (p. 258)

Costumamos discriminar não somente os estrangeiros, mas até os moradores do subúrbio ou dos bairros mais pobres da nossa própria cidade.

A tendência humana de maltratar aqueles que não fazem parte do nosso grupo, normalmente restrito.

O cosmopolitismo é uma das conquistas que devemos realizar, principalmente com a transformação gradativa do mundo na famosa “aldeia global”.

VIAJAR É ADQUIRIR CULTURA

“... viajar afigura-se-me um exercício proveitoso, pois o espírito vive então continuamente solicitado a observar coisas novas e desconhecidas; e, como digo amiúde, não sei de melhor escola do que essa que lhe mostra a grande diversidade da existência, ideias e usos entre os homens, bem como a contínua variedade de formas da natureza.”
(p. 259)

Em cada localidade que visitamos vemos pessoas com costumes diferentes, estilos de vida que sequer imaginamos e aprendemos a respeitar a diversidade.

Bairrismo é uma versão do facciosismo, que sempre acarreta desunião e demonstra um egoísmo condenável.

Devemos abrir a mente e o coração para as coletividades que não sejam a nossa, assim como ensinava Sócrates, que se dizia “cidadão do mundo”.

LIBERDADE DENTRO DO CASAMENTO

“Ao casar não contraímos a obrigação de permanecer indissolavelmente soldados um a outro como certos insetos, ou enfeitiçados de Karancia.” (p. 261)

Um dos piores erros que os cônjuges podem cometer (e comumente o cometem) é cercear a liberdade um do outro, dificultando as possibilidades de seu crescimento e gerando, com isso, motivos de insatisfação, que redundam normalmente, na separação do casal.

Sem liberdade não há casamento feliz.

A MORTE

“... sinto a morte tatear-me de contínuo, pelos rins e a garganta.” (p. 262)

Muitas correntes religiosas são responsáveis pelo terror à morte que apavora a maioria das pessoas, através das próprias cerimônias fúnebres, que criam um ambiente negativo de tristeza e desolação.

A morte é um fenômeno natural e inevitável, mas necessário à própria renovação da Vida, pois tudo nasce, cresce e morre na Natureza, menos o espírito, que foi criado para crescer, evoluir, desenvolver-se e não morre com o corpo.

Quem não tem essa certeza sabe muito pouco da própria essência das religiões, a qual nem sempre é exposta claramente junto aos crentes em geral, mas se encontra explicada nos livros mais respeitados de cada religião. Cada aos adeptos se interessar em realizar essa pesquisa e não apenas comodamente ouvir os esclarecimentos dos expositores.

ESTENDER A ALEGRIA

“Estendamos a alegria e restrinjam a tristeza.” (p. 263)

Propagar a alegria transforma o panorama interior das pessoas e muda para melhor a paisagem exterior do mundo.

A tristeza é uma doença que corrói a alma das pessoas pessimistas, as quais não valorizam, como deveriam, a luz do Sol, o ar, a Natureza em geral, o benefício da saúde, a amizade, o lar, os amigos e todas as benesses que felicitam nossa vida.

Cabe, porém, a cada um contribuir para o próprio bem e o bem geral para merecer gozar a bênção da alegria de viver.

CONFISSÃO FRANCA E ESPONTÂNEA

“uma confissão franca e espontânea embota a crítica e desarma a injúria.” (p. 264)

Muitas vezes nossa teimosia em persistir no erro irrita as pessoas que convivem conosco e as faz querer nosso castigo.

Se o equivocado reconhece seu erro franca e espontaneamente, pedindo desculpas pelo desconforto ou prejuízo causados, tem mais chances de ser perdoado. De qualquer forma, demonstra honestidade e boa-vontade.

A AMIZADE

“Ah! Um amigo! Quanto não daria para ter um, e como é verdadeiro o ditado antigo que afirma ser a amizade mais necessária e agradável do que a água e o fogo!” (p. 264)

Conquistar amigos de verdade depende da nossa capacidade de ser fraternos.

Quem cultiva o egoísmo pretende que os amigos o sirvam e não o contrário.

Há pessoas que têm muitos bons amigos e outras que os têm em número reduzido: depende do investimento que cada um faça nesse sentido.

“... em toda parte vos encontrareis convosco e em toda parte tereis as mesmas razões de queixa, pois a satisfação só existe neste mundo para os seres desprovidos de inteligência ou os que atingiram a perfeição.” (p. 269)

A satisfação interior é gradativa na medida em que as pessoas avançam no rumo da perfeição ético-moral.

As pessoas primitivas nesse aspecto, mesmo sendo intelectualizadas, pensam e agem com orgulho, egoísmo ou vaidade e infelicitam a própria vida e a dos outros, portanto, vivem insatisfeitas interiormente.

“Platão diz que só por milagre quem se mete em política sai com a consciência limpa...” (p. 272)

Não há motivo para se entender que somente na vida política as pessoas correm o risco de trair a própria consciência, mas em todas as demais atividades.

Tudo depende da determinação de cada um em ser honesto e idealista.

Até nas funções mais apagadas as pessoas são passíveis de se corromper.

DESAPEGO

“Quanto mais aumentamos nossas necessidades e o que possuímos, tanto mais nos expomos aos golpes da sorte e da adversidade. A entensão dos nossos desejos deve ser circunscrita e restrita de modo a só compreender as comodidades mais próximas de nós, as que nos são contíguas. E não deve prolongar-se em linha reta, mas em curva cujas proximidades se juntem em torno de nós, sem que se abra demasiado o círculo. Os atos que não se amoldam a essa orientação, a esse movimento essencial, a meu ver, como os do avarento, os dos ambiciosos e outros que se encarniçam atrás de uma ideia inalcançável, são atos doentios e prejudiciais.” (p. 284)

O consumismo e o egoísmo inventam falsas necessidades, o primeiro quanto às superfluidades materiais e o segundo quanto ao prestígio, poder, pessoas, dinheiro etc.

O bom senso nos indica o que é essencial e o que é desnecessário para a nossa vida.

O que não deve acontecer é vivermos ao sabor das eventualidades, sem reflexão sobre nós próprios, como se fôssemos meras “pedras rolando ladeira abaixo”.

RESPEITO A TODAS AS PESSOAS

“Nas agitações que perturbam atualmente o país, meus interesses não me fazem desprezar as qualidades louváveis de meus adversários nem ignorar os defeitos de meus correligionários.” (p. 284)

O respeito e a consideração às boas qualidades alheias, tanto faz que sejam as dos nossos aliados ou opositores, nos propicia assimilar uma série de informações que disponibilizem e, inclusive, a aquisição de virtudes relevantes, dentre as quais a humildade.

O facciosismo engeguece quem se lhe submete e faz cometer injustiças, além de representar atraso moral evidente.

Montaigne scandalizou-se com a luta entre católicos e protestantes, que, em nome de Deus, que é só Amor, se perseguiram e matavam em plena luz do dia. Instaurou-se na França, naquele período, uma autêntica guerra civil, que minou as energias do país e gerou a intranquilidade geral.

Atualmente, a mentalidade facciosista ainda vitima grande parte das pessoas, não só na Política Partidária, como na vida privada, o que representa um erro prejudicial à Paz e à União que deveria haver entre todos.

Respeitar os pontos de vista alheios é um dever, sejam eles coincidentes com os nossos ou não.

EMBATES REALIZADOS RESPEITOSAMENTE

“Não viu o céu, nem verá jamais, dissensão tão grave como a que se verificou entre César e Pompeu; parece-me entretanto observar nessas duas belas almas uma grande moderação na apreciação recíproca. Sua rivalidade em relação às honras e ao poder não os levou a um ódio furioso e desumano. Não houve maldade nem difamação. Nos seus atos mais violentos, deparamos com um resto de respeito e generosidade. E creio que ambos desejariam, se possível fosse, vencer sem destruir o outro.” (p. 286)

O debate e a discussão de ideias deve circunscrever-se à exposição sincera dos pontos de divergentes e nunca desbordar pelas ofensas pessoais, a difamação e outros meios desleais de procurar a vitória.

O embate livre e aberto entre as ideias divergentes mostra a todos onde está a Verdade.

Sempre haverão opiniões em choque, no entanto, isso é útil e não motivo de preocupação.

Os sem-fé ajudam os fiéis a terem mais certeza da própria crença, os confusos trabalham indiretamente para enrijecer a índole segura dos equilibrados e assim por diante.

O QUE DEVEMOS PEDIR A DEUS

“... suplicamos ao Senhor que mantenha nossa consciência tranquila, livre de qualquer comércio com o mal.” (p. 287)

Conta-se que um guru indiano estava atendendo às consultas dos habitantes de um vilarejo, as quais aguardavam em uma imensa fila, sendo que a maioria composta de pobres lavradores, que pediam orações em favor de sua saúde e uma vida longa, mas, no final dos atendimentos, compareceu o dono de uma funerária, que rogou as bênçãos da Divindade em favor do sucesso da sua empresa...

A maioria das súplicas a Deus visa benefícios próprios e de parentes próximos, algumas quase no nível do empresário indiano.

Montaigne aconselha que peçamos a Deus nos livre da prática do mal.

No entanto, não basta deixar de praticar o mal, mas sim procurar pensar e agir no Bem, o mais possível.

CONTROLE EMOCIONAL

“Com pequeno esforço corto de imediato qualquer emoção que principie a me agitar; abandono-a, e antes que me pese demasiado.” (p. 288)

O controle das emoções é de capital importância para se viver bem.

Sem isso, ficamos como verdadeiro barco à deriva em alto mar, sujeito às oscilações que nós mesmos criamos ou que outros criam para nós.

As emoções demasiado empolgantes costumam comprometer até a estabilidade orgânica.

UM JUIZ AVESSO AOS PROCESSOS

“... estou ainda virgem de processos, muito embora mais de uma vez tenha tido motivos para recorrer aos tribunais; não tive tampouco nenhuma querela. Eis-me chegando ao fim de uma longa vida sem jamais ter ofendido gravemente alguém, nem nunca ter sido ofendido, nem jamais ouvido juntar-se a meu nome algum epíteto destoante.” (p. 288)

O pacifismo deveria ser a regra geral de conduta e não o contrário.

Atualmente, muita gente costuma demandar por questões de somenos importância, alguns por excesso de amor próprio e outros visando ganhar dinheiro sem trabalho.

Montaigne, que foi juiz e exonerou-se por incompatibilidade com o Direito rigorista e desumano da sua época, também nunca demandou nem foi demandado, pois sempre conviveu honesta e pacificamente com todo mundo, independente da classe social.

O número exagerado de processos nos fóruns retrata a mentalidade pouco afeita ao diálogo que caracteriza nossa sociedade.

Felizmente, de alguns anos para cá, vem-se investindo na Conciliação, como forma de pacificação social. O ideal seria que as próprias pessoas se entendessem e resolvessem suas pendências sem necessidade da intervenção judicial.

SIM SIM, NÃO NÃO

“Não devemos indagar se nossos atos ou palavras podem interpretar-se desta ou daquela maneira; é o sentido verdadeiro que cumpre manter e defender a qualquer preço.” (p. 290)

Quando Jesus afirmou o “sim sim, não não”, pretendia dizer que se deve ser claro e indubitável quanto à Verdade.

Todavia, essa firmeza não deve significar agressividade nem intenção de menosprezar quem pense em contrário.

Afirmar a Verdade não significa impedir que outras formas de pensamento se manifestem.

O importante é nossa reforma interior, consequência do autoconhecimento pregado por Sócrates e Jesus, todavia, sem quereremos obrigar os outros a se reformarem compulsoriamente.

A VAIDADE DOENTIA

“.. desdenhemos esse apetite vil e vergonhoso de reputação e honrarias que nos impele a mendigá-las e a recorrer aos meios mais baixos e onerosos para alcançá-las. É desonroso ser honrado em tais condições: ‘Que valem essas lisonjas que se adquirem no mercado?’ Aprendamos a não ser mais ávidos de glória do que podemos merecer. Jactar-se de um ato útil e inócuo é peculiar aos que o encaram como raro e extraordinário, porque o avaliam pelo preço que pagaram. Quanto mais brilhante me parece um feito a que assisto, tanto mais o rebaixo, desconfiado de que se executou em vista da reputação a ser auferida e não em consequência da grandeza do seu autor. Exibido assim em público, perde metade de seu valor. Os atos mais belos são os que escapam sem ruído das mãos de quem os executa, e que um dia algum homem de bem recolhe e realça, dando-lhes o valor que merecem.” (pp. 292/293)

Quando Jesus disse que “a mão direita não deveria saber o que fez a esquerda” estava ensinando a superação da vaidade.

Há, realmente, uma “indústria” de publicidade em torno de determinadas pessoas, ávidas de destaque e honrarias. Muitas vezes, os títulos de que se ornaram são vazios e não correspondem ao seu real merecimento.

Os verdadeiros idealistas esquivam-se de palavras louvaminheiras, honrarias e bajulação, pois reconhecem suas deficiências intelecto-morais, fruto do autoconhecimento. Quem se aprofunda na autoanálise adquire a certeza tranquila da sua própria realidade interior e não quer passar aos outros uma imagem falsa de si próprio.

A vaidade, ao lado do orgulho e do egoísmo, é um dos defeitos morais que dificulta a caminhada do ser humano no rumo da Perfeição Relativa.

Quem consegue viver espontaneamente longe dos “holofotes” do destaque vive realmente feliz, sem a ilusão do narcisismo.

HOMEM DO POVO

“Não falo como magistrado, nem como conselheiro do rei, cargos de que não penso ser digno, mas como homem do povo, acostumado a exprimir-se e a agir com bom-senso.”
(p. 299)

Quanto gente gosta de falar como pessoa destacada pelo poder ou pelo dinheiro, enquanto que poucos se identificam como homens do povo! Essa arrogância representa uma visão deficiente do significado e da importância do povo.

Os cidadãos, que são o povo, são importantes por si mesmos, independente do papel mais ou menos destacado que cada um desempenha no meio social.

Montaigne se identifica como “homem do povo”, o que representa uma virtude cristã e política.

Afirma-se como acostumado a falar e agir com bom-senso, num esforço contínuo por ser justo e equilibrado no trato da coisa pública.

Não pretendia realizar nada além disso no meio onde vivia, o que pode ser interpretado, pelos vaidosos, como mediocridade, mas ele era um homem voltado para o crescimento interior do ser humano e, de uma forma ou de outra, tentava incentivar seus concidadãos a investir na busca do autoconhecimento.

Sua presença no Serviço Público foi diferenciada justamente pela sua personalidade e ideias de filósofo e cristão, muito mais do que pela multiplicação de benefícios materiais.

O EXEMPLO DE SÓCRATES

“Os discursos de Sócrates, cuja forma e sentido nos foram transmitidos por seus discípulos, só têm a nossa aprovação em consequência do respeito que devotamos à opinião pública. Se um homem desse porte nascesse agora, muito poucos o louvariam. Só apreciamos as graças picantes e artificiais; as que se escondem sob a simplicidade e a sinceridade não as percebe nossa visão grosseira.” (p. 301)

Sócrates não tinha intenção alguma de complicar o que é simples. Ensinava que a fonte do Conhecimento está na Natureza, criação de Deus, cujas Leis devem ser observadas.

Sua personalidade luminosa não estava sujeita à força rebaixante do orgulho, do egoísmo ou da vaidade, que amarram o ser humano ao primitivismo e limitam seu desenvolvimento interior.

Por isso, poucos estavam preparados para seguirem sua proposta do autoconhecimento, que só é inferior à de Jesus, que lhe foi além.

Infelizmente, seus próprios discípulos mais eminentes estavam muito abaixo dele, pois influenciados ainda por algum dos três defeitos morais.

O que eles repassaram à posteridade da ideologia do mestre deve ser uma pálida informação, prejudicada inclusive pelas

dificuldades linguísticas e traduções, chegando até nós de forma insatisfatória.

Sócrates, como Jesus, não se preocupou em escrever, mas sim em marcar a fogo as almas que lhe cruzaram o caminho.

SÓCRATES

“Sócrates exprimia-se de um modo natural e simples; assim fala um campônio, assim fala uma mulher. Refere-se continuamente a cocheiros, carpenteiros, sapateiros, pedreiros; suas induções e suas analogias são tiradas das ações mais vulgares do homem; todos entendem o que ele diz. Sob tão pobre roupagem não teríamos jamais compreendido a nobreza e o esplendor de suas admiráveis conceções, pois julgamos mesquinhas as que a erudição não realça e só percebemos a riqueza pelo aparato. Nosso mundo é feito de ostentação; os homens incham-se de vento e andam aos saltos como os balões. Sócrates não procura fazer que prevaleçam ideias quiméricas, seu objetivo é prover-nos de fatos e preceitos de imediata aplicação na vida: ‘controlar suas ações, observar a lei do dever, obedecer à natureza’. Sempre foi igual e fiel a si mesmo; e não se ergueu por impulsos até à perfeição, mas pelo seu caráter. Ou melhor, não se elevou e sim abaixou o homem para aproximá-lo de sua origem, da natureza, a que subordinou as aspirações, as decepções e as dificuldades da vida.” (p. 302)

As três metas expostas acima representam o esforço de uma vida inteira: *“controlar suas ações, observar a lei do dever, obedecer à natureza”*.

Infelizmente, a maioria dos filósofos tem pecado pela falta de humildade, pela falta de reverência a Deus e, com isso, perdem o “fio da meada”, que conduz ao conhecimento da Verdade.

Os orgulhosos, os egoístas e os vaidosos não têm a conexão necessária para receber a Inspiração Divina, que Montaigne apresenta como única forma da pobre razão humana superar seus estreitos limites.

Sócrates só é inteligível para quem já trilha o caminho da humildade e da procura sincera pelo autoaperfeiçoamento moral.

CIÊNCIA SEM AMOR

“Não precisamos de muita ciência para vivermos satisfeitos, e Sócrates nos ensina que aquilo de que necessitamos trazemo-lo em nós mesmos; e oferece-nos o método de explorá-lo e aproveitá-lo. Toda ciência, fora da que nos vem da natureza, é vã e supérflua; e podemos considerar-nos felizes se não nos pesa e embaraça mais do que nos serve: ‘Não é preciso saber muito para ser sábio’.” (p. 303)

A inteligência sem o correspondente Amor não muda a essência da sociedade nem das pessoas individualmente: apenas as torna mais arrogantes.

Toda ciência só é realmente útil se melhora o ser humano no trato consigo próprio e com seu semelhante.

Atulhar os cérebros com informações que não mudam a essência humana é o que as escolas e os lares têm procutado fazer atualmente. O resultado são muitos transtornos psicológicos: pessoas imaturas moralmente passam a não saber o que fazer com tanta bagagem cultural, tombando na depressão ou nos despautérios, quando não na criminalidade.

OS LIVROS REALMENTE ÚTEIS

“Os livros não me educaram; foram um exercício para meu espírito.” (p. 303)

Montaigne se refere aqui ao estudo convencional, aquele que visa apenas propiciar uma profissão: resume-se a um exercício intelectual, mas não trabalha a melhoria ética do ser humano.

Sem a qualificação ética, podemos representar verdadeiros perigos para nós próprios e para a sociedade.

Grandes intelectuais têm exercido ação nociva sobre as mentes desavisadas, haja vista a Arte que hoje se pratica, consagradora da irresponsabilidade. A própria Ciência, desacompanhada de um sentido ético, tem servido à Economia e à Política desonestas e desumanas.

A LIBERDADE

“A verdadeira liberdade consiste em um completo domínio de si mesmo, como afirma Sêneca.” (p. 308)

Todos temos o instinto da liberdade, mas cada um a entende de uma forma: *grosso modo*, pode-se reunir essas pessoas em dois grupos: uns querem ser livres para viver em função dos seus interesses pessoais e outros querem ser livres priorizando os outros.

Sêneca, uma das mais importantes figuras da Filosofia de todos os tempos, entendia a liberdade como o “completo domínio de si mesmo”, para quem somente é livre quem consegue pensar e agir com autocontrole em qualquer situação que seja.

Assim, Sócrates, seria livre, pois, mesmo diante da sua condenação à morte, manteve-se sereno, com perfeito domínio de si mesmo. O mesmo se digam de Jesus, Mohandas Gandhi, Francisco Cândido Xavier, Madre Teresa de Calcutá e outros.

Propugna-se, principalmente a partir da Revolução Francesa, pela Liberdade, mas pouquíssimos raciocinam da forma proposta por Sêneca.

Alguém pode até afirmar que a Liberdade nada tem a ver com o autodomínio, todavia, questionável ou não a conexão que o filósofo latino propôs, representa uma sugestão útil, que vale a pena ser levada em conta e cada um aplicar a si próprio.

A MORTE

“Por que haveria a natureza de inspirar-nos horror à morte, se de tão grande utilidade é esta na sucessão das vicissitudes de suas obras? No concerto universal, a morte antes favorece o nascimento e o crescimento das criaturas do que sua perda e ruína: ‘Assim se renovam as coisas’.”
(p. 315)

A única expectativa infalível na vida de cada um é a morte.

Todavia, por desinformação, muitos são levados a temê-la como sendo o fim da vida, quando, na verdade, as próprias religiões ensinam que se trata apenas da perda do corpo físico, continuando viva a alma no mundo espiritual. Não existe uma religião sequer que pregue o contrário.

Aliás, a crença na imortalidade da alma é instintiva mesmo nos povos primitivos do nível pré-histórico.

A fé deficiente, oscilante, pouco consistente, é que proporciona campo para a dúvida quanto à continuidade da vida após a morte.

Para os que não acreditam na reencarnação a vida após a morte continuaria perpetuamente no plano espiritual, variando quanto a alguns detalhes. Para os que crêem na reencarnação, as almas viveriam alternadamente como encarnadas e desencarnadas, evoluindo intelecto-moralmente rumo à Perfeição Relativa.

Quer se adote uma corrente, quer outra, não se deve temer a passagem para o mundo espiritual, pois a vida continua sempre e nunca se extingue.

Somos espíritos e não corpos e existiremos por toda a eternidade.

A MESTRA NATUREZA

“... adotei o preceito antigo de que sempre acertaremos seguindo a natureza, e entendo que submeter-se a ela é regra soberana.” (p. 318)

Sócrates pregava a observação da Natureza, seguindo-se seus referenciais.

A Natureza representa a Criação Divina, que, naturalmente, se rege por Leis Perfeitas e Benévolas.

Contrariá-la só traz maus resultados, provenientes dos vícios e do desrespeito à Ecologia.

Os homens e mulheres da nossa época, confiantes demais na própria inteligência e poder criador, têm violado as regras da Natureza, incidindo nos piores resultados, como sejam certas doenças orgânicas degenerativas e mentais.

É preciso refletir sobre o assunto e procurar viver sabiamente.

Jean-Baptiste Lamarck afirmava que a Natureza funciona em regime de colaboração, enquanto que Charles Darwin, posteriormente, enfatizou a competição.

Cada um opta por uma ou outra corrente, colhendo para si mesmo os frutos da própria escolha, vivendo feliz e solidariamente ou estano sempre em pé de guerra.

NÃO CONDENAR

“Não odeio ninguém e não me apraz ofender, ainda que com razão. Quando a oportunidade me foi dada de condenar alguém, sempre preferi faltar ao dever: ‘Gostaria que não cometessem crimes, mas não tenho a coragem de punir os que os cometeram’.” (p. 321)

Há quem se sinta útil aplicando punições aos outros, esquecendo-se das próprias falhas.

Há outros que, concentrados no autoconhecimento, analisam-se e reconhecem necessitar da melhora interior e passam a não analisar os outros por reconhecer a inexistência desse direito.

Aliás, tudo isso pode ser resumido na proposição de Jesus: “Eu a ninguém julgo”.

AS LEIS

“A natureza cria sempre leis melhores do que as nossas.”

(p. 322)

Montaigne, que exerceu o cargo de juiz durante muitos anos e terminou por exonerar-se espontaneamente, desenvolveu uma opinião desfavorável em relação às leis do seu país, no que tinha razão, pois estavam, na sua maioria, aquém do ideal da verdadeira justiça.

Adepto por inteiro das ideias filosóficas de Sócrates, o qual colocava a Natureza como paradigma para a vida humana, entendia que nunca seriam realmente boas as leis humanas que contradissem aquela, no que também estava certo.

As leis humanas, infelizmente até hoje, dificultam a concretização da Igualdade, não incrementam a Fraternidade e costumam fazer da Liberdade mera palavra sem sentido.

Considerando-se-a sob a aspecto macroscópico, observa-se que na Natureza vigora a “cooperação” (conforme identificou Jean-Baptiste Lamarck) e não a “competição” (tese defendida por Charles Darwin). Nesse contexto os seres atuam de forma programada e todos vivem da melhor forma possível para a função que cada um ali desempenha.

Especificamente no Reino Animal, os instintos levam os seres a interagir com utilidade geral, observando-se que até as

agressões entre as espécies, que chocam nossa sensibilidade, se limitam ao indispensável à sobrevivência.

Somente nas coletividades humanas ocorrem “excessos”, por conta dos defeitos morais, representados pelo orgulho, egoísmo e vaidade, que nos impulsionam colocar os interesses pessoais em desacordo com os interesses da coletividade. Nossa inteligência ainda não conseguiu autoimpor-se uma Ética Superior, segundo a qual cada ser deve autolimitar-se para não lesar os direitos alheios.

Caminhamos para um futuro onde tal acontecerá, tendo como paradigma a máxima do “amor ao próximo como a si mesmo”.

As Leis da Natureza são adequadas ao nível de aperfeiçoamento das espécies: para os humanos a referência é aquela referência do Cristo.

Sem uma compreensão clara nesse sentido, estaremos vivendo em permanente conflito com os demais membros da coletividade e com a própria consciência.

O AUTOCONHECIMENTO

“Gostaria mais de entender bem o que se verifica em mim do que compreender perfeitamente Cícero.” (p. 328)

Alguns intelectuais vivem em função de acumular informações sobre coisas, pessoas etc., mas quase nada sabem sobre sua própria essência interior, uma vez que desconsideram o autoconhecimento. Quando ocorrem situações dramáticas em sua vida, como a morte de entes queridos, doenças etc., costumam desesperar-se e perdem o aparente equilíbrio que costumam ostentar.

Outras pessoas, que se classificam como práticas, também costumam descurar-se do autoconhecimento.

Tanto umas quanto outras “olham para fora” e vivem distraídas do que é o mais importante na vida humana, que é o estudo a que Sócrates se dedicou durante toda sua longa existência e deixou como seu legado indelével, infelizmente mal compreendido pela Filosofia Acadêmica.

O autoconhecimento se adquire pelo esforço diário de uma vida inteira, prosseguindo em outras eras, que se sucederão, até o infinito.

Dotando-se de uma bagagem mais expressiva nesse sentido, chegamos cada vez mais perto da Paz e da Felicidade do que trilhando quaisquer outros caminantes da vida.

A NOCIVIDADE DA CÓLERA

“Quem se lembra do papel feio que fez quando tomado de cólera, e a que excessos essa febre o impeliu, já sabe a que ponto uma tal paixão é lamentável e não precisa que lho diga Aristóteles.” (p. 328)

Os transtornos que essa emoção causa são tão evidentes que qualquer um consegue concluir da sua nocividade.

A Ciência a tem estudado, a Religião a desaconselha e a boa educação nos recomenda a nunca nos encolerizarmos.

Há coisas que o bom senso basta para traçar referenciais: é este um desses casos.

A VIDA DE TODOS É BASICAMENTE IGUAL

“A vida de César não nos oferece mais exemplos do que a nossa, porque tanto a de um imperador como a de um homem vulgar são vidas humanas e sujeitas a todos os acidentes humanos. Escutemos nossa experiência, e veremos que nos diz tudo aquilo de que temos necessidade especial.” (p. 328)

Muita gente vitimada pela pobreza gostaria de viver a vida dos ricos, entendendo que se resume a um “Jardim do Éden”, onde todas as fantasias se realizam e nenhuma nuvem de sofrimento ensombreira seu céu, quando, na verdade, tirante o excesso de conforto e os naturais excessos, as necessidades morais são as mesmas que as de todo mundo, ou talvez mais graves.

Cada qual deve analisar-se, aperfeiçoar-se e seguir adiante, sem querer viver a vida de outrem.

PACIÊNCIA

“Ensinou-me ainda a experiência que nós perdemos por falta de paciência.” (p. 339)

Paciência não é postergar o cumprimento dos nossos deveres, mas a tranquilidade para aguardar o resultado das nossas boas iniciativas. O esforço é obrigação nossa, mas o que daí advirá depende de uma série de fatores, subordinados às Leis Divinas.

Há coisas que dependem de nós e outras que não dependem. É importante sempre diferenciar umas das outras, vivenciando com paciência aquelas que não se subordinam à nossa vontade.

O bom senso deve estar sempre orientando nossos passos, bem como a confiança nas Leis Divinas, que impulsionam todos os seres em direção à evolução.

Talvez uma das obras mais importantes que se escreveu até hoje seja A Grande Síntese, de Pietro Ubaldi, onde vemos como funcionam as Leis Divinas, induzindo-nos a saber como e quando agir, com tranquilidade.

A paciência é resultado da maturidade espiritual.

OS SOFRIMENTOS

“É necessário aprender a sofrer o que não há como evitar. Nossa vida, como a harmonia dos mundos, é composta de elementos contrários e tons variados: doces e estridentes, agudos e surdos, frágeis e graves; que partido deles tiraria o músico que gostasse de uns e renegasse os outros? Cumpre-lhe empregá-los todos e misturados. Assim devemos fazer com os bens e os malesx que são parte integrante de nossa vida; nosso ser só é possível com essa mistura. Tentar reagir contra essa necessidade, é renovar o ato de loucura de Otesifonte que empreendera lutar a pontapés com seu jumento.” (p. 340)

Normalmente, queremos impor à Vida e aos outros nossas vontades, quando, na verdade, somos apenas bizonhos aprendizes. Não costumamos nos conformar com as regras a que devemos obedecer, ignorando que visam nosso próprio bem e o bem dos outros.

Essa inaceitação nos faz sofrer, quando deveríamos entender que as Leis Divinas visam a nossa evolução, portanto, nossa felicidade gradativa.

Sofrer é, geralmente, resultado da rebeldia, incompreensão, imaturidade.

Sócrates, Jesus, Franscisco de Assis e Madre Teresa de Calcutá pouco sofriam, por entender que tudo acontece com uma

finalidade positiva. Também sabiam aceitar com relativa serenidade a visão dos sofrimentos alheios, ao invés de se desesperarem, porque viam sua utilidade para a evolução desses alunos da Evolução.

Jesus afirmou: “Vinde a Mim vós que estais sobrecarregados, que Eu vos aliviarei”. Não prometeu “retirar a carga” que compete a cada um carregar, mas sim “alívio”, o que não é a mesma coisa.

O aluno pode ser auxiliado nos deveres escolares, mas não isentado, pois, em caso contrário, nunca aprenderia a lição.

Os pais costumam superproteger seus filhos, prejudicando-os com essa atitude de amor mal interpretado: quem ama educa.

O bom senso é que deve diferenciar as situações em que devemos “dar o peixe” ou “ensinar a pescar”.

O TEMOR DE SOFRER

“Quem teme sofrer, sofre mais do que receia.” (p. 344)

Há uma porcentagem razoável de dificuldades na vida de todas as pessoas: ninguém há que passe pela vida apenas “colhendo flores”. Os “espinhos” fazem parte do nosso dia-a-dia e têm sua utilidade no nosso amadurecimento.

Sabemos que teremos sempre uma e outros, pois fazem parte da nossa evolução intelecto-moral.

Não faz sentido entrarmos em pânico quando os “espinhos” nos ferem e muito menos sofreremos só de pensar que os encontraremos pela frente.

A tranquilidade com que enfrentamos os grandes e pequenos desafios da vida faz a diferença, como o aluno que faz os “deveres de casa” sem revolta, sem desagrado e usufruindo o prazer de aprender.

Há quem suporte seus desafios serenamente, mas sofre desmesuradamente, ao ponto do descontrole emocional, quando em presença dos sofrimentos alheios. É preciso calma e bom senso para tentarmos resolver uns e outros: tentarmos, diga-se de passagem, pois garantir é impossível em determinadas situações.

Quanto aos filhos, costuma acontecer esse temor por parte dos pais, mas devem aprender a controlar-se para poderem ser realmente úteis e não atrapalharem o aprendizado e a evolução deles.

FRUGALIDADE E SIMPLICIDADE

“Não sei de muita gente que seja mais frugal e simples do que eu quando o exigem as circunstâncias, nem que se exercitem mais e achem menos duras as atividades militares.” (p. 344)

Frugalidade não significa sovínice, nem simplicidade quer dizer falta de higiene e espírito de ordem.

Montaigne vivia com frugalidade e simplicidade quando necessário, mas sabia usufruir dos benefícios da civilização em circunstâncias normais.

É importante saber conduzir-se tanto em uma situação quanto em outra, pois a sequência da vida costuma nos fazer alternar riqueza e pobreza: não se empolgar com a riqueza nem se desacoroçoar com a pobreza fazem parte do nosso aprendizado espiritual.

Quanto às “atividades militares”, usuais naquela época, podem ser substituídas por qualquer atividade braçal, esportiva ou outra qualquer que exijam disciplina e persistência. Saber exercitar-se nessas atividades com satisfação também é de suma importância.

A VALORIZAÇÃO DAS PESSOAS POBRES

“O excelente pai que Deus me deu e por quem nada pude fazer senão lhe dedicar toda a minha gratidão pela sua bondade, enviou-me, recém-nascido, para uma pobre aldeia onde fiquei durante a primeira infância, acostumando-me à uma existência humilde... [...] era a intenção de meu pai: pensava em me aproximar do povo, dos homens que precisam de nosso auxílio; queria que eu fosse levado a olhar para o lado dos que nos estendem os braços mais do que para os que nos viram as costas. Por essa mesma razão quis que pessoas humildes me conduzissem à pia batismal, pois assim eu lhes ficaria devendo obrigações e a elas me afeiçoaria. Sua intenção deu certo. Ocupo-me com prazer dos pequenos, tanto por considerar que há nisso algum mérito como por sentimento natural de compaixão, virtude que tem sobre mim grande influência. [...] Eu seia antes levado a imitar o exemplo de Flamínio, que se devotava aos que necessitavam de seu auxílio do que o de Pirro que se humilhava diante dos grandes e se mostrava orgulhoso com os pequenos.” (pp. 347/348)

A convivência com a pobreza é importantíssima na nossa formação. Quem só transita no seio das elites descaracteriza-se como ser humano e torna-se frio e narcisista.

A compaixão verdadeira pelas agruras dos pobres só é possível à vista delas e nunca à distância.

A educação de Montaigne passou pela convivência inicial com os aldeões iletrados e “desfavorecidos da sorte”, para poder tornar-se, depois, um homem dotado de grande sensibilidade humana.

Quantos pais procuram isolar seus filhos da visão da miséria, numa postura de orgulho social, que acaba transformando-os em seres egoístas e autoídotras!

OS PRAZERES SAUDÁVEIS E OS NOCIVOS

“... é tão absurdo repelir os prazeres que a natureza nos oferece como se apegar demasiado a eles.” (p. 352)

É importante distinguir os prazeres que a Natureza nos oferece, que são saudáveis, daqueles criados pelas pessoas cujo padrão ético-moral deixa muito a desejar.

O bom senso é que vai ajudar a distinguir uns dos outros.

VIVER COM SABEDORIA

“A mais admirável obra-prima do homem consiste em viver com acerto. [...] Tudo mais – reinar, juntar, edificar – não passa de acessório, de minúcia.” (p. 353)

“Viver com acerto” é a “mais admirável obra-prima do homem”, como assevera Montaigne.

A forma como cada um “vive com acerto” é secundária: tanto faz se dirige uma empresa ou um país ou se varre as ruas ou ensina numa escola.

O *status* social é o que menos importa para o autoconhecimento: o que vale é o conteúdo intelecto-moral de cada ser humano.

O VERDADEIRO RETRATO PSICOLÓGICO DE SÓCRATES

“Haverá coisa mais extraordinária em Sócrates do que aprender a dançar e a tocar depois de velho? Pois esse mesmo homem foi visto passar um dia inteiro de pé, em êxtase, diante do exército grego, mergulhado em profunda meditação, o que não o impediu de ser o primeiro a precipitar-se em socorro de Alcebíades, rodeado de inimigos, cobrindo-o com seu corpo e libertando-o pelas armas. Em outra batalha salvou Xenofonte que caíra do cavalo. E foi também o único em Atenas, indignada como ele ante tão odioso espectáculo, a tentar arrancar Terâmenes das mãos dos trinta tiranos que o haviam condenado à morte, só renunciando, com os dois companheiros que afinal arranjava, a instâncias da própria vítima. Solicitado por uma beldade de quem se enamorara e que por ele igualmente se apaixonara, atém-se à mais estrita abstinência. Amiúde, na guerra, marcha descalço, mesmo sobre o gelo, usa uma só roupa no inverno como no verão e supera a todos pela paciência com que suporta as fadigas. Quando assiste a um banquete come como de costume. Durante vinte e sete anos, sem que revele no rosto a menor emoção, enfrenta a fome, a pobreza, a indisciplina dos filhos, as violências da mulher, e finalmente a calúnia, a tirania, a prisão, os ferros e o

veneno, E no entanto se, por um dever de cortesia, precisava erguer um copo, era no exército quem melhor bebia: não se recusava a brincar com as crianças e o fazia de bom humor, porque, como diz a filosofia, tudo assenta ao sábio. Tais fatos abundam na vida de Sócrates; e nunca podemos deixar de apresentar esse personagem como modelo de toda perfeição.” (pp. 354/355)

Sócrates, que viveu em uma época muito primitiva em termos ético-morais, não foi um santo no sentido exato da palavra, mas sim um homem que muito amava seus semelhantes e demonstrou isso no dia-a-dia de sua vida. Só não fico feliz com a informação de que *“se, por um dever de cortesia, precisava erguer um copo, era no exército quem melhor bebia”...*

Montaigne, autêntico discípulo do grande mestre da Filosofia, não se cansa de elogiá-lo e tece, neste trecho, seu mais perfeito retrato psicológico.

Infelizmente, a Filosofia seguiu o rumo do academismo, desviando-se do excelente rumo inaugurado pelo *“mais sábio dos homens do seu tempo”*.

Hoje em dia vê-se nas universidades e na maioria dos autores uma Filosofia que mais parece uma *“flor de papelão”* do que uma rosa viva, que exale perfume e inspire a sensibilidade.

O academismo e a vaidade não se compadecem com a “ciência de viver bem”, conforme a definição que Montaigne deu da Filosofia.

A NATUREZA COMO MODELO

“A grandeza d’alma consiste menos em se elevar e avançar do que em ordenar e se circunscrever. Grande é tudo o que é suficiente; e há mais elevação em amar as coisas comuns do que as eminentes. Nada é tão legítimo e belo como desempenhar o papel de homem em todos os seus aspectos. Não há ciência mais árdua do que a de saber viver naturalmente...” (p. 355)

A mais importante obra que alguém pode realizar é aprender a viver de acordo com a Natureza, ou seja, as Leis de Deus.

Não importam os detalhes exteriores: o importante é que o ser humano se adeque a esse modelo.

Invenções, tecnologia, conforto, construções, leis, políticas governamentais, economia – tudo é útil se obedece às Leis Divinas e prejudicial se está em descompasso com elas.

SERENIDADE

“Ordeno à minha alma que olhe com os mesmos olhos a dor e o prazer...” (p. 355)

Sofrer excessivamente com as adversidades ou apegar-se demais aos prazeres são dois extremos prejudiciais.

Aprender a viver com serenidade, ponderação, equilíbrio e bom senso é imprescindível.

Com o tempo e a vontade de acertar vamos alcançando esse meio-termo da Sabedoria.

VIVER COM INTENSIDADE

“Preparo-me, contudo, para perdê-la (a vida) sem queixas, porque isso está na ordem das coisas e não porque ela me seja penosa ou importuna; aliás, quem se compraz na vida não teme deixá-la. Há que gozar a existência e eu a gozo duplamente, porquanto o gozo se mede pela atenção que lhe dedicamos. Sobretudo neste momento em que percebo que a minha toca de tão perto o fim, quero sublinhar quanto a aprecio, sustar a rapidez de sua fuga com minha presteza em detê-la, e compensar, quanto possível, a transitoriedade pela intensidade. Na medida em que diminui o tempo de que ainda disponho, aplico-me em fazer que a posse seja mais profunda e completa.” (p. 356)

Morrer é apenas perder o corpo físico, continuando vivo o espírito, segundo ensinam todas as religiões.

Todavia, não há motivo para alguém deixar de viver intensamente, de acordo com suas condições pessoais, sob o pretexto de estar envelhecendo.

A velhice permite uma série de atividades e não deve se deixar envolver pelo pessimismo ou desânimo.

Cada dia é uma nova oportunidade de realizações intelecto-morais para si e para os outros.

AMAR A VIDA E VIVER BEM

“Amo a vida e a cultivo tal qual Deus outorgou.” (p. 357)

Amar a vida é sempre procurar valorizá-la, com seus naturais altos e baixos, sabendo que o caminho da evolução intelecto-moral segue uma trajetória onde tudo que surge à nossa frente, sob a forma de facilidades ou obstáculos, representa a manifestação do Amor Divino, acrescentando dados novos ao nosso acervo de conhecimentos.

Os pessimistas são pessoas desinformadas do Amor de Deus, sendo que deveriam comparar os pais e mães terrenos ao Pai Divino, aqueles primeiros que, sob o argumento do amor, não podem isentar seus infantes dos deveres básicos de escovar os próprios dentes, cuidar da sua higiene pessoal, dormir na hora certa e alimentar-se adequadamente. Deus não pode concordar passivamente, sob o pretexto do falso Amor, que vivamos prejudicando a nós próprios e aos outros com um estilo de vida pautado nos defeitos ético-morais. Por isso, cobra-nos atitudes adequadas à “ciência de viver bem”.

OS PRAZERES DO CORPO E OS DO ESPÍRITO

“Sócrates, mestre desses sábios e nosso, não diz o mesmo. Aceita, como deve, o prazer físico; mas prefere o do espírito, que julga mais rico, forte, variado e digno. Este último porém não deve isolar-se – Sócrates não é um sonhador – mas tão somente controlar o outro; deve atentar para a moderação e não apresentar-se como adversário. A natureza é um guia amável, mas no qual a prudência e a justiça superam a doçura: ‘É preciso penetrar a natureza das coisas e ver exatamente o que ela exige.’” (p. 357)

O bom senso e o nível ético-moral de cada um é que mostram o espaço que cada prazer deve ter na nossa vida.

Alguns se sentem bem com as sensações mais primitivas, enquanto que outros se extasiam com a sensibilidade espiritual mais pura. Entre esses dois extremos se coloca a humanidade, com a liberdade que cada um tem de escolher seus caminhos.

Porém, “se a sementeira é livre a colheita é obrigatória”.

A RESPONSABILIDADE PELOS DONS DADOS POR DEUS

“No presente que Deus nos oferece não há nada indigno de nosso cuidado; de tudo teremos de prestar contas em todas as suas minúcias.” (p. 358)

Paulo de Tarso afirmou: “Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém.”

Essa afirmação dispensa maiores comentários.

NOTAS

[1] http://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_de_Montaigne

Michel Eyquem de Montaigne (Saint-Michel-de-Montaigne, 28 de fevereiro de 1533 — Saint-Michel-de-Montaigne, 13 de setembro de 1592) foi um escritor e ensaísta francês, considerado por muitos como o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras e, mais especificamente nos seus "Ensaio", analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objecto de estudo. É considerado um céptico e humanista.

Montaigne começou a sua educação com o seu pai. Este tinha um espírito por um lado vigilante e metódico e por outro aberto às novidades. Após estes estudos enveredou pelo Direito. Exerceu a função de magistrado primeiro em Périgoux (de 1554 a 1570) depois em Bordéus onde travou profunda amizade com La Boétie.

*Retirou-se para o seu castelo quando tinha 34 anos para se dedicar ao estudo e à reflexão. Levou nove anos para redigir os dois primeiros livros dos *Essais*. Depois viajou por toda a Europa durante dois anos (1580-1581). Faz o relato desta viagem no livro *Journal de Voyage*, que só foi publicado pela primeira vez em 1774.*

*Foi presidente da Câmara em Bordéus durante quatro anos. Depois, regressou ao seu castelo e continuou a corrigir e a escrever os *Essais*, tendo em vista o estilo parisiense de exposição doutrinária. Os seus *Ensaio*s compreendem três volumes (três livros). Os seus *Ensaio*s vieram a público em três versões: Os dois primeiros em 1580 e 1588. Na edição de 1588, aparece o terceiro volume. Em 1595, publica-se uma edição póstuma destes três livros com novos acrescentos.*

*Os *Essais* são um auto-retrato. O auto-retrato de um homem, mais do que o auto-retrato do filósofo. Montaigne apresenta-se-nos em toda a sua complexidade e variedade humanas. Procura também encontrar em si o que é singular. Mas ao fazer esse estudo de auto-observação acabou por observar também o Homem no seu todo. Por isso, não nos é de espantar que neles ocorram reflexões tanto sobre os temas mais clássicos e elevados ao lado de*

pensamentos sobre a flatulência. Montaigne é assim um livre pensador, é um pensador sobre o Humano, sobre as suas diversidades e características. E é um pensador que se dedica aos temas que mais lhe apeteçam, vai pensando ao sabor dos seus interesses e caprichos.

Se por um lado se interessa sobremaneira pela Antiguidade Clássica, esta não é totalmente passadista ou saudosista. O que lhe interessa nos autores antigos, especialmente os latinos mas também gregos, é encontrar máximas e reflexões que o ajudem na sua vida diária e na sua auto-descoberta. Montaigne tenta assim compreender-se, através da introspecção, e tenta assim compreender os Homens.

Montaigne não tem um sistema. Não é um moralista nem um doutrinador. Mas não sendo moralista, não tendo um sistema de conduta, uma moral com princípios rígidos, é um pensador ético. Procura indagar o que está certo ou errado na conduta humana. Propõe-se mais estudar pelos seus ensaios certos assuntos do que dar respostas. No fundo, Montaigne está naquele grupo de pensadores que estão a perguntar em vez de responder e é na sua incerteza em dar respostas que surge um certo cepticismo em Montaigne. Como não está interessado em dar respostas

apriorísticas tem uma certa reserva em relação a misticismos e crenças. É de notar um certo alheamento em relação ao Cristianismo e às lutas de religião que se viviam em França. Embora não deixe de refletir em assuntos como a destruição das novas índias pelos Espanhóis. Ou seja, as suas reflexões visam os clássicos e a sua própria contemporaneidade. Tanto fala de um episódio de Cipião como fala de algum acontecimento do seu século como fala de um qualquer seu episódio doméstico.

Registre-se que Michel foi tio pelo lado materno de Santa Joana de Lestonnac.

[2] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Socrates>

Sócrates (em grego antigo: Σωκράτης, transl. Sōkrátēs; 469–399 a.C.) foi um filósofo ateniense, um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental, e um dos fundadores da atual Filosofia Ocidental. As fontes mais importantes de informações sobre Sócrates são Platão, Xenofonte e Aristóteles (Alguns historiadores afirmam só se poder falar de Sócrates como um personagem de Platão, por ele nunca ter deixado nada escrito de sua própria autoria.). Os diálogos de Platão retratam Sócrates como mestre que se recusa a ter

discípulos, e um homem piedoso que foi executado por impiedade. Sócrates não valorizava os prazeres dos sentidos, todavia se escalava o belo entre as maiores virtudes, junto ao bom e ao justo. Dedicava-se ao parto das idéias (Maiêutica) dos cidadãos de Atenas, mas era indiferente em relação a seus próprios filhos.

O julgamento e a execução de Sócrates são eventos centrais da obra de Platão (Apologia e Críton). Sócrates admitiu que poderia ter evitado sua condenação (beber o veneno chamado cicuta) se tivesse desistido da vida justa. Mesmo depois de sua condenação, ele poderia ter evitado sua morte se tivesse escapado com a ajuda de amigos. A razão para sua cooperação com a justiça da pólis e com seus próprios valores mostra uma valiosa faceta de sua filosofia, em especial aquela que é descrita nos diálogos com Críton.

Detalhes sobre a vida de Sócrates derivam de três fontes contemporâneas: os diálogos de Platão, as peças de Aristófanes e os diálogos de Xenofonte. Não há evidência de que Sócrates tenha ele mesmo publicado alguma obra. As obras de Aristófanes retratam Sócrates como um personagem cômico e sua representação não deve ser levada ao pé da letra.

Sócrates casou-se com Xântipe, que era bem mais jovem que ele, e teve três filhos: Lamprocles, Sophroniscus e Menexenus. Seu amigo Críton criticou-o por ter abandonado seus filhos quando ele se recusou a tentar escapar antes de sua execução, mostrando que ele (assim como seus outros discípulos), parece não ter entendido a mensagem que Sócrates tenta passar sobre a morte (diálogo Fédon), antes de ser executado.

Não se sabe ao certo qual o trabalho de Sócrates, se é que ele teve outro além da Filosofia. De acordo com algumas fontes, Sócrates aprendeu a profissão de oleiro com seu pai. Na obra de Xenofonte, Sócrates aparece declarando que se dedicava àquilo que ele considerava a arte ou ocupação mais importante: maiêutica, o parto das idéias. A maiêutica socrática funcionava a partir de dois momentos essenciais: um primeiro em que Sócrates levava os seus interlocutores a pôr em causa as suas próprias concepções e teorias acerca de algum assunto; e um segundo momento em que conduzia os interlocutores a uma nova perspectiva acerca do tema em abordagem. Daí que a maiêutica consistisse num autêntico parto de ideias pois, mediante o questionamento dos seus interlocutores, Sócrates levava-os a colocar em causa os seus "preconceitos" acerca de determinado assunto,

conduzindo-os a novas ideias acerca do tema em discussão.

Platão afirma que Sócrates não recebia pagamento por suas aulas. Sua pobreza era prova de que não era um sofista.

Várias fontes, inclusive os diálogos de Platão, mencionam que Sócrates tinha servido ao exército em várias batalhas. Na Apologia, Sócrates compara seu período no serviço militar a seus problemas no tribunal, e diz que qualquer pessoa no júri que imagine que ele deveria se retirar da filosofia deveria também imaginar que os soldados devessem bater em retirada quando era provável que pudessem morrer em uma batalha.

Algumas curiosidades: Sócrates costumava caminhar descalço e não tinha o hábito de tomar banho. Em certas ocasiões, parava o que quer que estivesse fazendo, ficando imóvel por horas, meditando sobre algum problema. Certa vez o fez descalço sobre a neve, segundo os escritos de Platão, o que demonstra o caráter lendário da figura Socrática. Cláudio Eliano lista Sócrates como um dos grandes homens que gostavam de brincar com crianças: uma vez, Alcibíades surpreendeu Sócrates brincando com seu filho Lamprocles.

O método socrático consiste em uma técnica de investigação filosófica feita em diálogo que consiste em o professor conduzir o aluno a um processo de reflexão e descoberta dos próprios valores. Para isso ele faz uso de perguntas simples e quase ingênuas que têm por objetivo, em primeiro lugar, revelar as contradições presentes na atual forma de pensar do aluno, normalmente baseadas em valores e preconceitos da sociedade, e auxiliá-lo assim a redefinir tais valores, aprendendo a pensar por si mesmo.

Tal técnica deve seu nome "socrático" a Sócrates, o filósofo grego do século V a.C., que teria sido o primeiro a utilizá-la. O filósofo não deixou nenhuma obra escrita, mas seus diálogos nos foram transmitidos por seu discípulo Platão. Nesses textos Sócrates, utilizando um discurso caracterizado pela maiêutica (levar ou induzir uma pessoa, por ela própria, ou seja, por seu próprio raciocínio, ao conhecimento ou à solução de sua dúvida) e pela ironia, levava o seu interlocutor a entrar em contradição, tentando depois levá-lo a chegar à conclusão de que o seu conhecimento é limitado. No entanto, Aspasia é referida por Sócrates como uma das mais importantes personalidades a orientá-lo em seu desenvolvimento intelectual e filosófico, sobretudo na arte da retórica.

Alguns acadêmicos acreditam que teria sido Aspasia quem inventou o método socrático.

Desde seu princípio na antiguidade o método socrático foi utilizado e desenvolvido por diversos filósofos até a atualidade. Leonard Nelson e Gustav Heckmann são dois importantes nomes ligados ao uso atual do método em filosofia. Além disso, sobretudo com o desenvolvimento da terapia cognitiva nos anos 60 do séc. XX, o método socrático passou a ser utilizado como método de entrevista em diversos contextos de psicoterapia e aconselhamento.

As crenças de Sócrates, em comparação às de Platão, são difíceis de discernir. Há poucas diferenças entre as duas ideias filosóficas. Consequentemente, diferenciar as crenças filosóficas de Sócrates, Platão e Xenofonte é uma tarefa difícil e deve-se sempre lembrar que o que é atribuído a Sócrates pode refletir o pensamento dos outros autores.

Se algo pode ser dito sobre as ideias de Sócrates, é que ele foi moralmente, intelectualmente e filosoficamente diferente de seus contemporâneos atenienses. Quando estava sendo julgado por heresia e por corromper a juventude, usou seu método de elenchos para demonstrar as crenças errôneas de seus julgadores. Sócrates acredita

na imortalidade da alma e que teria recebido, em um certo momento de sua vida, uma missão especial do deus Apolo Apologia, a defesa do logos apolíneo "conhece-te a ti mesmo".

Sócrates também duvidava da ideia sofista de que a arete (virtude) podia ser ensinada para as pessoas. Acreditava que a excelência moral é uma questão de inspiração e não de parentesco, pois pais moralmente perfeitos não tinham filhos semelhantes a eles. Isso talvez tenha sido a causa de não ter se importado muito com o futuro de seus próprios filhos. Sócrates frequentemente diz que suas ideias não são próprias, mas de seus mestres, entre eles Pródico e Anaxágoras de Clazômenas.

No Simpósio, de Platão, Sócrates revela que foi a sacerdotisa Diotima de Mantinea que o iniciou nos conhecimentos e na genealogia do amor. As idéias de Diotima estão na origem do conceito socrático-platônico do amor.

Sócrates sempre dizia que sua sabedoria era limitada à sua própria ignorância (Só sei que nada sei.). Ele acreditava que os atos errados eram consequências da própria ignorância. Nunca proclamou ser sábio. A intenção de Sócrates era levar as pessoas a se sentirem ignorantes de

tanto perguntar, problematização sobre conceitos que as pessoas tinham dogmas, verdades. De tanto questionar, principalmente os sábios, começou a arrebanhar inimigos.

Sócrates acreditava que o melhor modo para as pessoas viverem era se concentrando no próprio desenvolvimento ao invés de buscar a riqueza material. Convidava outros a se concentrarem na amizade e em um sentido de comunidade, pois acreditava que esse era o melhor modo de se crescer como uma população. Suas ações são provas disso: ao fim de sua vida, aceitou sua sentença de morte quando todos acreditavam que fugiria de Atenas, pois acreditava que não podia fugir de sua comunidade. Acreditava que os seres humanos possuíam certas virtudes, tanto filosóficas quanto intelectuais. Dizia que a virtude era a mais importante de todas as coisas.

Diz-se que Sócrates acreditava que as idéias pertenciam a um mundo que somente os sábios conseguiam entender, fazendo com que o filósofo se tornasse o perfeito governante para um Estado. Se opunha à democracia aristocrática que era praticada em Atenas durante sua época, essa mesma ideia surge nas Leis de Platão, seu discípulo. Sócrates acreditava que ao se relacionar com os

membros de um parlamento a própria pessoa estaria-se fazendo de hipócrita.

Sócrates provocou uma ruptura sem precedentes na história da Filosofia grega, por isso ela passou a considerar os filósofos entre pré-socráticos e pós-socráticos. Os sofistas, grupo de filósofos (título negado por Platão) originários de várias cidades, viajavam pelas pólis, onde discursavam em público e ensinavam suas artes, como a retórica, em troca de pagamento. Sócrates se assemelhava exteriormente a eles, exceto no pensamento. Platão afirma que Sócrates não recebia pagamento por suas aulas. Sua pobreza era prova de que não era um sofista. Para os sofistas tudo deveria ser avaliado segundo os interesses do homem e da forma como este vê a realidade social (subjetividade), segundo a máxima de Protágoras : "O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são.". Isso significa que, segundo essa corrente de pensamento, as regras morais, as posições políticas e os relacionamentos sociais deveriam ser guiados conforme a conveniência individual. Para este fim qualquer pessoa poderia se valer de um discurso convincente, mesmo que falso ou sem conteúdo. Os sofistas usavam, de fato, complicados jogos de palavras, no

discurso para demonstrar a verdade^[3] daquilo que se pretendia alcançar, este tipo de argumento ganhou o nome de sofisma. Em resumo, a sofística destruía os fundamentos de todo conhecimento, já que tudo seria relativo (relativismo) e os valores seriam subjetivos, assim como impedia o estabelecimento de um conjunto de normas de comportamento que garantissem os mesmos direitos para todos os cidadãos da pólis. Tanto quanto os sofistas, Sócrates abandonou a preocupação em explicar e se concentrou no problema do homem. No entanto, contrariamente aos sofistas, Sócrates travou uma polêmica profunda com estes, pois procurava um fundamento último para as interrogações humanas (O que é o bem? O que é a virtude? O que é a justiça?), enquanto os sofistas situavam as suas reflexões a partir dos dados empíricos, o sensório imediato, sem se preocupar com a investigação de uma essência da virtude, da justiça do bem etc., a partir da qual a própria realidade empírica pudesse ser avaliada.

CONCLUSÃO

- 1) Os Ensaaios, de Michel de Montaigne, representam um repositório de informações e reflexões visando, direta ou indiretamente, à ciência (ou arte) de viver bem.
- 2) Viver bem é agir com bom senso e generosidade.
- 3) É importante desenvolverem-se as duas asas que levam o ser humano rumo à Perfeição: a Fraternidade e a Instrução, ambas imprescindíveis para os vôos de grande percurso.
- 4) Grande parte das suas lições são eternas, porque calcadas sobretudo em Jesus Cristo e Sócrates, dois valores que o Tempo nunca vai superar ou envelhecer.
- 5) Ler e refletir sobre Montaigne é interessar-se pelo próprio aprimoramento e preparar-se para dar grande contribuição à sociedade.

